

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO  
ÁREA: FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

**SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA  
CONCEPÇÃO RELIGIOSA DE MARTINHO LUTERO**

ARLETE ANTÔNIA SCHMIDT MENEZES

MARINGÁ-PR

2005

ARLETE ANTÔNIA SCHMIDT MENEZES

**SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA  
CONCEPÇÃO RELIGIOSA DE MARTINHO LUTERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo.

MARINGÁ-PR

2005

ARLETE ANTÔNIA SCHMIDT MENEZES

**SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA  
CONCEPÇÃO RELIGIOSA DE MARTINHO LUTERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo (Orientador)

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcília Rosa Periotto - UEM

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Volnei Edson dos Santos - UEL

Aos meus filhos, Thiago (in memoriam), Talita, Thales e Tássio e ao meu esposo Lindomar, pela compreensão e amor vividos, mesmo nas ausências, quando não pude compartilhar com eles muitos momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela vida.

Aos familiares, pela compreensão, incentivo e força em todos os momentos.

Ao Prof.-Orientador Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo, pela orientação, por sugestões e pela amizade.

Ao Prof. Dr. João Luís Gasparin, o primeiro a me incentivar nesse desafio.

Aos colegas, especialmente, ao Paulo e ao Elias, pelo companheirismo e pela troca de experiências.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Educação, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, pelo incentivo e colaboração.

Aos funcionários da secretaria do Mestrado, Hugo e Márcia, pelo sempre pronto atendimento.

Às professoras Marcília e Blanca, pelo paciente trabalho de leitura e pelas contribuições advindas de suas sugestões pela ocasião da qualificação.

Ao Prof. Dr. Volnei Edson dos Santos, pela disponibilidade de ler este trabalho e pela gentileza de aceitar o convite para fazer parte dessa banca.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desta pesquisa.

MENEZES, Arlete Antônia Schmidt. **Sobre o Papel da Educação na Concepção Religiosa de Martinho Lutero**. Maringá, 2005. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Fundamentos da Educação. Universidade Estadual de Maringá.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar o pensamento educacional de Martinho Lutero (1483-1546), entendido no conjunto das proposições expressas nas suas obras, especialmente aquelas tidas como pedagógicas. Lutero viveu no Sacro Império Germânico, na Saxônia, e ganhou destaque no cenário ocidental, a partir de outubro de 1517, quando apresentou as 95 teses para debate sobre o valor das indulgências. Historicamente Lutero contribuiu para o surgimento de uma educação aberta a todos, e de competência dos administradores públicos. O conhecimento bíblico deveria ser seu principal objeto de estudo nas escolas. Nessa perspectiva buscou-se mostrar o seu pensamento educacional expresso nas obras **À Nobreza Cristã na Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão** (*An den Christlichen Adel deutscher Nation von des Chrestlichen standes besserung*, 1520), **Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs** (*An die Ratsherren aller Städte deutsches Lands, dass sie christliche schulen aufrichten und erhalten sollen*, 1524), **Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola** (*Eine Predigt, dass man Kinder zur Schule halten solle*, 1530) e nos **Catecismos Maior e Menor** (*Grosser Katechismus and Kleinem Katechismus*, 1529). Lutero ao conclamar os governantes, a sociedade, a família e a Igreja, a serem co-responsáveis pela educação da juventude, almejava, assim, bons pastores para a Igreja e a formação de gente apta para o mundo civil. O procedimento metodológico utilizado foi o de buscar nas diversas fontes literárias a compreensão de seu pensamento. Para tanto servimo-nos da bibliografia de Lutero e de seus diversos intérpretes. A análise aqui empreendida parte da concepção de que a visão de Lutero sobre a educação só pode ser analisada à luz dos acontecimentos daquela época. Desse modo, a contextualização de seu pensamento foi essencial na análise.

**Palavras-chave:** Fundamentos da Educação; Reforma Protestante; Século XVI; Martinho Lutero.

MENEZES, Arlete Antônia Schmidt. **About the Role of the Education in Martin Luther's Religious Conception.** Maringá, 2005. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Fundamentos da Educação. Universidade Estadual de Maringá.

## ABSTRACT

The analysis of Martin Luther's (1483-1546) educational thought, in the ensemble of proposals expressed in his works, especially those considered pedagogical, is the goal of this dissertation. Luther lived in the Holy German Roman Empire, in Saxony and won eminence in the Western scenery since October 17th when he presented his 95 theses concerning the worth of indulgences to dispute. Historically Luther contributed to the arising of one kind of education that was open for everybody, in which the public administrators should be answered for it. The first object in the schools training was the biblical knowledge. In this outlook we want to present the Luther's educational thought expressed in: **An den Christlichen Adel deutscher Nation von der Christlichen standes besserung** (1520), **An die Ratsherren aller Städte deutsches Lands, dass sie christliche schulen aufrichten und erhalten sollen** (1524), **Eine Predigt, dass man Kinder zur Schule halten solle** (1530), **Grosser Katechismus** and **Kleinem Katechismus** (1529). When Luther clamored for the rulers, the people, the family and the Church, to be responsible for the young people's education, he desired to instruct the ministers for the Church as much as possible for the civilian world. The methodological proceedings that we used in this research was that one which takes in the sundry literary sources, the comprehension of Luther's thought. The analysis made here starts from the conception that Luther's view about education just can be analysed according to the events of that age. Therefore, the contextualization of Luther's thought was essential in this analysis.

**Key words:** Fundamentals of Education; Protestant Reformation; Sixteenth Century; Martin Luther.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 DE LUTERO.....</b>	<b>13</b>
1.1 QUEM FOI LUTERO OU O QUE SE DIZ DE LUTERO.....	13
1.2 O CONTEXTO HISTÓRICO.....	30
<b>2 DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>41</b>
2.1 EDUCAÇÃO E RELIGIÃO.....	42
2.2 O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE LUTERO.....	54
2.3 OS ESCRITOS CHAMADOS PEDAGÓGICOS.....	57
2.3.1 À Nobreza Cristã: um Chamamento às Mudanças.....	58
2.3.2 A Educação sob a Tutela das Autoridades Cíveis.....	63
2.3.3 Os Pais: Primeiros Responsáveis pela Educação.....	67
<b>3 AS CONTRIBUIÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS DO PENSAMENTO DE LUTERO À EDUCAÇÃO.....</b>	<b>73</b>
3.1 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA PEDAGOGIA LUTERANA.....	79
3.2 SOBRE OS CATECISMOS MENOR E MAIOR.....	81
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>

## INTRODUÇÃO

*Os que instruem a outros resplandecerão como o céu, e os que mostram a muitos o caminho da justiça serão como as estrelas em eternidade (LUTERO).*

Ao analisar a educação hoje, percebemos que ela ocupa, cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o seu papel na dinâmica social. As sociedades humanas retiram sua coesão de diferentes atividades e valores partilhados, que no decorrer dos tempos vão se constituindo em outros e outros mais, em função das necessidades e da vontade de viver junto. Com o passar do tempo, os laços materiais e espirituais, pela convivência vão enriquecendo, tornando na memória individual e coletiva, uma herança cultural que serve como base para os estudos em educação. Os meios utilizados abrangem as culturas e as circunstâncias mais diversas e o que chama a atenção é que a educação tem como objetivo o desenvolvimento do ser humano em sua dimensão social, política e religiosa.

O objetivo desta pesquisa consiste em compreender as contribuições do pensamento religioso de Martinho Lutero à educação. É estudando sua vida e seus escritos considerados pedagógicos que podemos perceber a relação existente entre educação e religião na concepção desse religioso, tendo como pano de fundo o século XVI, e uma Alemanha dividida por forças políticas e insatisfações religiosas.

Seus posicionamentos frente aos embates travados com seus contemporâneos, sobretudo os representantes do cristianismo católico, são frutos da pregação e não de uma ação programada, pois com grande frequência Lutero foi surpreendido por novos acontecimentos, e todo movimento surgido a partir de sua pregação combativa foi, para ele próprio uma grande surpresa. Podemos ver claramente um envolvimento inesperado de Lutero em muitos dos acontecimentos ocorridos, especialmente, na forte repercussão que obtiveram suas 95 teses,

de 31 de outubro de 1517 (LIENHARD, 1998). A partir daí iniciaram-se as desavenças com o papado, que culminaria com a sua excomunhão em 1521 e a cisão da cristandade ocidental.

É importante entendermos o pensamento desse Reformador religioso que marcou a história da igreja, dada a relevância de suas ações para seu tempo e para modernidade. Ele viveu e sofreu profundamente por suas convicções e acreditou que a verdade poderia ser encontrada mediante muito estudo e pesquisa da palavra de Deus, no Evangelho. Depreende-se daí, que Lutero considerava Deus e identificava o Evangelho e a graça de Deus, como fundamentais para a educação. Sob muitos aspectos, Lutero foi uma figura contraditória que desafiou em nome do Evangelho, poderes que poderiam eliminá-lo. No entanto, foi, também, uma pessoa freqüentemente fragilizada, com dúvidas existenciais que se materializavam, mas apesar disso e na consciência dessas ressalvas, é apropriado que busquemos o significado positivo desse Reformador, no processo histórico. Sem dúvida ele desempenhou um papel importante, decisivo mesmo, em uma época histórica de transição, na passagem da Era Medieval para a Era Moderna.

Ao nos reportarmos a Lutero, necessário se faz, também, situá-lo em seu contexto histórico social para que entendamos seus posicionamentos, muitas vezes, retrógrados, outros inovadores. Para Altmann (1994), Lutero ainda esposava uma visão hierárquica da sociedade e da política, de cima para baixo, embora não mais legitimada por um direito Divino. O período de transição explica as posições extremadas de Lutero, uma vez que as novas idéias, por serem novas, não eram ainda aceitas no novo pensar dos homens e, muitas vezes, se misturavam às idéias e os valores novos aos conceitos medievais.

Entretanto, mostrou-se, não em raros momentos, um teólogo moderno ao atribuir a função política ao povo, reconhecendo-o como um novo sujeito histórico, expresso no **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**, de 1520. É significativo que Lutero nessa obra chegou a conclamar a nobreza alemã, isto é, os mandatários políticos a efetuarem necessárias reformas eclesiásticas e sociais, sob o argumento de que essa missão lhes caberia como cristãos, pelo batismo e pela fé.

A proposição de igualdade entre os homens, advinda da idéia do sacerdócio real e universal dos batizados, representou a valorização de cada cristão diante de Deus e emplacou em um princípio de igualdade entre todos os seres humanos. Mas, Lutero não afirmou o direito de pensarem diferentemente dele próprio. Deviam crer na palavra simples das Escrituras; e essa palavra simples estabelecia um código de condutas que, em sua interpretação era idêntico, em todos os seus pontos críticos, ao ideal medieval (LASKI, 1973). Mesmo que essa liberdade ambicionada fosse puramente interior, este sentimento de emancipação de cada um foi ganhando força coletiva e se tornou, segundo Hegel (1999, p.347), “como matriz cultural da filosofia moderna”.

Nesse contexto a leitura da Bíblia tornou-se uma norma, a sua tradução uma necessidade para o século XVI, assim, foi necessário preparar o povo para ler o texto. Lutero valorizou a língua alemã. Como teólogo, deu grande ênfase nos estudos das línguas antigas, julgando-as necessárias para conservar a pureza do evangelho. “É preciso admitir que, sem as línguas não podemos conservar devidamente o evangelho. Os idiomas são a bainha na qual está locada a espada do espírito” (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**<sup>1</sup>, p.319).

As propostas pedagógicas de Lutero pareciam ser semelhantes às dos humanistas, ainda que por razões distintas. Ambos enfatizavam o ensino das línguas antigas. Lutero pretendia possibilitar o acesso direto ao texto original da Bíblia, o que qualificou como superior ao mediado por uma tradução. Mesmo assim, ciente da impossibilidade de tal objetivo, traduziu a Bíblia para o alemão, possibilitando assim, maior difusão, e incentivou outras traduções para outras línguas.

Este estudo está organizado em um conjunto de três capítulos. No **primeiro**, fazemos uma exposição sobre a vida, algumas obras contributivas à educação e o período histórico em que viveu o autor, oferecendo informações sobre a formação da sua vida intelectual e profissional, destacando alguns de seus contatos e as influências exercidas na construção do seu pensamento religioso e educacional.

---

<sup>1</sup> Em virtude do grande número de textos em um mesmo volume optamos por citar o título e não o autor. Quanto aos títulos, após anunciados, optamos por apresentá-los de forma abreviada.

No **segundo** capítulo deste trabalho temos como finalidade apresentar o pensamento educacional de Lutero, sua concepção teológica de educação e os grandes escritos onde se encontram as diretrizes para sua concepção de educação, pois Lutero, tanto em seus escritos pedagógicos como em outras obras, sempre viu a educação sob a perspectiva da fé. Foi escolhido como recorte para uma análise sobre a contribuição de Lutero à educação, os textos: **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão (1520); Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs (1524); Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola (1530)**. Neste capítulo fazemos uma abordagem contextual dos propósitos de Lutero para a sociedade de seu tempo.

No **terceiro** capítulo apresentamos uma análise sobre as contribuições sócio-políticas do pensamento de Lutero para a modernidade e discutimos os princípios metodológicos propostos na pedagogia luterana, especialmente no **Catecismo Maior**, e no **Catecismo Menor**, escritos em 1529. Estes textos se apresentam como verdadeiros manuais de instrução religiosa. Nos Catecismos está expresso um chamamento às três instituições sociais básicas: a igreja, a família e a escola para se responsabilizarem pela educação da juventude, seguindo as mesmas orientações didático-pedagógicas desse período. A família por representar o centro da educação, a escola por ser o lugar onde se estabelece o aprendizado sistemático e a igreja por ser co-responsável pelos seus fiéis.

# **1 DE LUTERO**

*Deus está a ensinar desde o começo até o fim do mundo (LUTERO).*

Para entendermos a produção intelectual e cultural do teólogo e educador, Lutero, necessário se faz, primeiramente, situá-lo no tempo e no espaço em que viveu, seu meio familiar, sua formação e aptidões e toda uma gama de interferências que influenciaram seu modo de ser e que são fundamentais para explicar suas obras e desvendar nelas seu pensamento pedagógico. Todas as informações são contribuições essenciais para o desvelamento desse personagem público que atraiu o interesse e a curiosidade do mundo ocidental, nos primórdios do século XVI e que, ainda hoje, é objeto de pesquisa por parte de muitos estudiosos interessados em entender as diferentes facetas de seu pensamento,

Com o intuito de desvendar as etapas essenciais de sua vida e a contribuições advindas com o seu agir histórico no seu tempo e à contemporaneidade, tomamos como referência obras de interlocutores e pesquisadores abalizados que refletem de forma contundente os valores e o pensamento religioso da época e os princípios da fé luterana. A escolha dos autores citados no decorrer deste texto é uma tentativa para se evitar extremas posições pouco críticas de apologia cega ou ataque injustificado à figura de Martinho Lutero.

## **1.1 QUEM FOI LUTERO OU O QUE SE DIZ DE LUTERO**

Lutero nasceu em Eisleben, Turíngia, Alemanha em 10 de novembro de 1483, véspera do dia de São Martinho, recebeu o nome de Martinho em homenagem ao santo do dia seguinte, quando seria recebido na comunhão da Igreja de Deus pelo Santo Batismo. Segundo Dreher (2002), Lutero vinha de uma família antiga e numerosa de classe média e que levava o nome

de “Ludher” no território dos famosos condes de Mansfeld. O pai, Johann Ludher trabalhava em mina de cobre e chegou a ocupar alguns cargos públicos, fazendo-se estimado pela sua integridade e caráter. Sua mãe Margareth, provinha de círculos burgueses, mulher virtuosa e temente a Deus. Orava muito e era estimada entre outras mulheres de seu meio, que viam nela um exemplo de vida religiosa.

Após o nascimento de Martinho, a família mudou-se para Mansfeld, centro próspero do minério em 1484, já com sua independência econômica, a família fazia parte do círculo de pessoas respeitadas da região. Martinho cresceu em meio a uma burguesia ascendente. Sua educação não destoou da dos demais jovens criados nesse círculo: a vara estava sempre presente, mas também uma boa dose de amor familiar.

Na casa paterna recebeu uma educação rígida. A família, sempre submissa à Igreja, mas não se contendo de tecer críticas aos maus costumes dos monges e do clero secular. O medo do juízo final se explica pela educação recebida na tenra idade: “o Cristo respeitado era o do juiz, assentado sobre o arco-íris com a espada de dois gumes na boca e olhos flamejantes. Ai de quem fosse encontrado despreparado quando ele chamasse” (DREHER, 2002, p.23).

Conforme os escritos de Daniel-Rops (1996, p.273), em contraposição ao Deus vingativo Lutero foi agraciado com o Deus misericordioso que concede sua justiça, sem mérito pessoal, mas pela fé. Não há uma data precisa de quando se deu essa experiência, mas estudiosos de Lutero fixam um período entre 1512 e 1518, como provável para que o monge tenha se libertado da angústia e do terrível medo do juízo final, o que o incomodava, não o deixando viver uma existência de amor, livre do aprisionamento que sentia sua alma atormentada. Ingressar no convento dos Agostinianos Eremitas, em 15 de julho de 1505, não o libertara de seus monstros, somente pelos estudos da Escritura, especialmente a Epístola de Paulo aos Romanos, versículos 1-17; que sentiu a revelação de que o justo vivia na fé: “Era uma descoberta prodigiosa aos olhos do jovem monge, torturado pelo temor e pela angústia! O Deus carrasco, armado de um bastão, recuava, dando lugar àquele para quem a alma podia voltar-se, cheia de confiança [...]” (DANIEL-ROPS, 1996, p.276).

As letras, Lutero aprendeu em Mansfeld, em uma escola municipal. Aí estudou de 1491-1497 e aprendeu os rudimentos do latim, o canto e as expressões principais da fé cristã: os Dez Mandamentos, o Pai-nosso, a Ave-Maria e o Credo (LIENHARD, 1998). Ao atingir a idade de quatorze anos foi mandado para Magdeburgo, onde permaneceu durante um ano. Contudo, a passagem por essa escola pode ter tido uma certa importância e influenciado as atitudes do então monge Lutero, já que esta era mantida pelos Irmãos da Vida Comum, dos quais é sabido que se empenhavam em favor de uma renovação da pedagogia<sup>2</sup>.

Os Irmãos da Vida Comum, eram uma associação mista de sacerdotes e leigos que viviam em comunidade, sem votos religiosos, porém, submetidos a certos estatutos quase monacais. Estavam fixados por toda a Saxônia e se instalaram em Magdeburgo. Segundo García-Villoslada (1976, p.54). “Poucos meses antes de Lutero chegar a Magdeburgo, os irmãos obtiveram do Conselho Municipal plena liberdade de ação. Sua casa se achava nas proximidades da Catedral e da escola adjunta. Escola própria eles não tinham”. Portanto, podemos dar por seguro que Lutero, nos seus quatorze anos de idade, teve contato, viu-os, escutou-os, conversou e frequentou realmente sua escola, recebendo instrução e possivelmente influência de seu ensinamento religioso mais interiorizado, pessoal e menos formalista do que as demais escolas cristãs costumavam fazer.

A escola do trívio, Lutero frequentou por quatro anos, de 1498 a 1501, em Eisenach. Lá se ensinavam as três disciplinas fundamentais, gramática, retórica e dialética. Ali, o estudante Lutero concluiu com mérito seus estudos. Aliás, ele sempre valorizou a educação recebida e se tornou um grande vulto da história da cristandade não só pela ousadia de seus enfrentamentos à cúria romana e aos ferrenhos adversários, mas sobretudo, por sua notória dedicação aos estudos, mesmo na juventude (LIENHARD, 1998, p.32).

Como era dotado de uma inteligência privilegiada e possuía em alto grau o dom da eloquência, não tardou a deixar para trás seus companheiros da mesma faixa etária, sobrepujando os demais jovens que com ele estudavam (MELANCHTHON, 1983, p.14).

---

<sup>2</sup> Irmãos da Vida Comum – movimento de piedade que buscava o temor a Deus e a satisfação da vida do leigo no dia-a-dia, mais conhecido como devoção moderna. Dedicados ao ascetismo, seus integrantes fundaram escolas e influenciaram decididamente a Idade Moderna. Nessas escolas estudaram Erasmo de Roterdão, Nicolau Copérnico, o Papa Adriano VI, entre outros (DREHER, 2002, p.23).

No verão de 1501, Martinho iniciou seus estudos na Universidade de Erfurt, fundada em 1379, e uma das principais universidades alemãs da época. Ali frequentou, durante quatro anos, a Faculdade de Artes, pré-condição para a matrícula em uma das três faculdades superiores: Teologia, Medicina e Direito. Já no outono de 1502, tornou-se Bacharel em Artes e participou também, por obrigatoriedade, dos cursos de ética e metafísica. A familiaridade de Lutero com a lógica aristotélica remonta ao ensino recebido durante esses anos, pois o círculo acadêmico estava centrado nos estudos de Aristóteles.

Aqui cabe dizer que o espírito do ensino da época da Universidade de Erfurt era cunhado, sobretudo pela corrente occamista<sup>3</sup>, também chamada de via moderna. Lutero foi educado segundo os padrões filosófico-teológicos do occamismo. Porém, se frustrara com a maneira escolástica de fazer teologia. As verdades da fé não podiam ser entendidas à luz das regras da lógica filosófica. Para ele a teologia precisava ser libertada da ditadura de Aristóteles, isto é, desvencilhada da filosofia como era o sistema escolástico. Era do conhecimento profundo da Escritura Sagrada que se explicava a palavra de Deus, segundo ele. E em busca de alternativas, encontrou importante ajuda nos escritos de Agostinho (354-430), bispo de Hipona, na África do Norte, um dos maiores pensadores de toda a História da Igreja.

Em janeiro de 1505, recebeu o grau de Mestre em artes, ainda nesse ano Lutero se viu obrigado a lecionar na Faculdade, uma vez que era um procedimento necessário aos que obtinham tal grau. Nesse mesmo ano iniciou seus estudos de Direito por iniciativa e sugestão de seu pai. A jurisprudência seria, aos olhos paternos, o mais vantajoso financeiramente, e talvez pudesse torná-lo secretário de algum príncipe. “O pai pensava numa profissão que lhe garantisse recompensas e honorários” (DREHER, 2002, p.24).

Contudo, o que muito contribuiu para a formação religiosa de Lutero, sem dúvida, foram os cursos que ministrou. Sua dedicação extremada e zelo pela docência acabaram permitindo que tomasse parte em debates acadêmicos, exercício tradicional nas universidades da época, ganhando cada vez mais espaço nos meios estudantis. Esses debates exigiam demasiado estudo e muito preparo para a argumentação. Quem pretendia adquirir qualquer grau acadêmico precisava demonstrar sua capacidade intelectual participando de tal debate. Essa busca às fontes clássicas o tornou um grande orador, o pregador persuasivo que foi, a ponto

<sup>3</sup> Diz-se dos seguidores de Guilherme Occam, viveu entre 1280 e 1350. Foi Franciscano e teólogo de Oxford.

de entusiasmar platéias de outras universidades. “Para contentar seu espírito ávido de saber, ele passou a ler a maior parte das obras dos antigos escritores latinos, como Cícero, Virgílio, Tito Lívio e outros” (MELANCHTHON, 1983, p.16).

Voltando ao ano de 1505, mal transcorrido um mês do início das aulas, Lutero viajou para Mansfeld. Ao voltar, foi apanhado por um terrível temporal e um raio quase o fulminou, causando um temor profundo. Em meio ao desespero e o susto, evocou a padroeira dos necessitados: “Valei-me Santa Ana, que me tornarei um monge!”. O que se sabe é que Lutero, mesmo contrariando a vontade paterna, ingressou, naquele mesmo ano, em 17 de julho, no convento dos Agostinianos eremitas, em Erfurt, na condição de noviço. Era um convento rigoroso e em muitas passagens se percebe a determinação do jovem Lutero em seguir as regras estabelecidas.

E, uma vez admitido, não só estudava com grande afinco as doutrinas da igreja, mas ainda, a si mesmo impunha a mais dura disciplina, sobrepujando a seus colegas na prática da leitura, das discussões, do jejum e das orações. Surpreendia-me o fato de que ele não sendo de pequena estatura nem franzino, por natureza comia muito pouco. Certa vez, pude constatar que ele durante quatro dias consecutivos, nada comeu e bebeu [...] (MELANCHTHON, 1983, p.18).

A determinação que levou Lutero a abraçar a vida monástica foi a melhor maneira para se exercitar no estudo das coisas divinas e no conhecimento bíblico, contudo, não foi por mero acaso que o fez, mas se prendia ao fato de que fora um jovem atormentado com a ira de Deus. Logo, a decisão de se tornar sacerdote pode não ter sido motivada pelo medo repentino da morte, ocasionada pelo raio, mas sim, mais motivada pela busca da verdadeira piedade de Deus para com os pecadores. Esse temor desmedido de Lutero fez com que se embrenhasse mais e mais nos estudos da doutrina cristã e se dedicasse com afinco na busca por respostas às dúvidas quanto à misericórdia de Deus, esse mesmo Deus que o aterrorizava.

Lia com sofreguidão as fontes dos ensinamentos divinos, ou seja, os critérios dos apóstolos e profetas, a fim de orientar o coração a respeito da vontade de Deus e alimentar, com testemunhos incontestáveis, o temor de Deus e a fé (MELANCHTHON, 1983, p.19).

Enfim, o medo do temporal pode ter contribuído com a decisão de ser monge, mas é necessário admitir que ele já tivesse interiormente deslanchado, num processo de busca da verdade, por outras fontes que não aquelas que a igreja apresentava. Pois, no mais recôndito de si mesmo, o jovem Martinho, que recebera brilhantemente o diploma de professor de filosofia, sentia-se obcecado por um Deus amoroso, que até então não encontrara.

Em nenhum momento conseguia achar consolo em meu batismo; ao contrário, pensava continuamente: ó, quando finalmente poderás tornar-te piedoso e fazer o suficiente, para teres um Deus misericordioso? Através de pensamentos como esses fui incitado em direção a mongeria; tendo me atormentado e supliciado, através do jejum, do frio e da vida severa (*À Nobreza Cristã...*, p.271).

Podemos dizer, diante dos fatos apresentados, que a decisão de Lutero de entrar para o convento foi, propriamente, religiosa. Pois se observa uma consciência inquieta em sua confrontação com um Deus exigente. E o que a igreja daquele tempo tinha para oferecer como bálsamo para as almas angustiadas era o monacato. Assim, buscava, ele, na convicção de sua fé, encontrar na vida reclusa, o Deus misericordioso.

Em 1506, com apenas um ano de noviço fez seus votos solenes em setembro, foi ordenado sacerdote em 3 de abril de 1507. Em 2 de maio deste ano celebrou a primeira missa, oportunidade em que quase fugiu do altar por se julgar indigno de realizar o sacrifício da missa diante da majestade divina. No momento do ofertório Lutero foi tomado de uma angústia súbita. A partir de então:

[...] As dificuldades subsistiram no tempo a seguir. A celebração, mas também a comunhão, amiúde causava problemas para Lutero. Incerto do perdão dos pecados, não se sentia preparado. No instante em que devia aproximar-se do altar, ocorria-lhe recorrer aos serviços de um sacerdote para se confessar. Sentia também, o peso de uma imagem de Cristo esboçada como juiz (LIENHARD, 1998, p.36).

Ante suas crises, Lutero contava freqüentemente com palavras amigas de um ancião do convento dos Agostinianos. Ao revelar os seus temores, ouvia-o falar muito a respeito da fé. Isso o fortalecia sobremaneira para insistir em novas buscas, através de leituras e exemplos bíblicos. Parece certo que essa angústia de Lutero o ajudou a prosseguir nos estudos e a se

dedicar tenazmente a buscar consolo para suas aflições no conhecimento teológico. Ele precisava entender a mensagem divina para seu próprio bem-estar e para a salvação do homem, do sacerdote, do cristão. Só assim ele poderia desenvolver o seu ministério junto ao povo e proclamar a misericórdia de Deus. “À medida que ia lendo e comparando as passagens e exemplos relatados nos profetas e apóstolos e ia, em orações diárias, fortalecendo a fé, recebia mais luz e discernimento” (MELANCHTHON, 1983, p.21).

Ainda no ano de início de seu sacerdócio Lutero começou seus estudos de teologia em Erfurt. A Ordem Agostiniana determinou que ele atuasse como professor. Seu principal objeto de estudo foi a Bíblia. Podemos afirmar que toda a vida de Lutero foi dedicada ao estudo da Escritura, base de todos os seus comentários sobre Religião, Educação, Política, Usura, Fé e Salvação. Em 1508, Lutero foi transferido para a Universidade de Wittenberg, já que Johann Von Staupitz, Geral da Ordem e decano da faculdade, desejava que na nova escola fosse promovido o estudo de teologia e havia reconhecido em Lutero, excelentes dons intelectuais e notável erudição. “Foi em Wittenberg que Lutero pôde revelar de forma brilhante a sua inequívoca capacidade, tanto nas atividades cotidianas da escola, como nas pregações” (MELANCHTHON, 1983, p.24).

Lutero iniciou sua atividade docente como professor de filosofia moral, com preleções sobre a dialética e a física de Aristóteles, não relaxando, entretanto, seus estudos no campo da teologia. Em março de 1510, tornou-se bacharel em Bíblia na faculdade de Wittenberg e, a partir daí, teve que assumir aulas dessa disciplina o que fez com esmerada dedicação. A partir de critérios tomados da Bíblia e de Agostinho, Lutero percebeu que a teologia estava impossibilitada de articular a questão essencial da fé cristã, ou seja, graça e justificação, Deus em seu relacionamento com o ser humano e vice-versa. As verdades não podiam ser compreendidas em toda a sua profundidade, mediante a aplicação das regras da lógica filosófica<sup>4</sup>.

Entre seus ouvintes contavam-se pessoas cultas que costumavam afirmar que Lutero tinha dons espirituais tão sublimes que, sem dúvida alguma, ainda viria a alterar profundamente os métodos de ensino religioso que imperavam em todas as escolas daquela época (MELANCHTHON, 1983, p.24).

---

<sup>4</sup> Ver texto Debate sobre a Teologia Escolástica (LUTERO, 1995, p.13-20. v.1. In: Obras Seleccionadas).

Aos poucos Lutero foi se alicerçando, envolvendo-se nas atividades da cátedra e definitivamente se instalou em Wittenberg. Aí se preparou para o doutorado, ainda que a contragosto, a princípio, mas atendeu à ordem de seu supervisor Von Staupitz com quem o futuro reformador estreitou laços de amizade e companheirismo. Von Staupitz chegou a ser o grande companheiro e professor de Lutero.

Entre novembro de 1510 e fevereiro de 1511, Lutero esteve em Roma por questões de divergências e discórdias surgidas no seio de sua Ordem. Sabe-se que essa participação foi motivo de alegria para Lutero, pois lhe possibilitou conhecer a Cidade Santa, mas não há registros que permitam atribuir uma grande importância a essa viagem para a evolução espiritual de Lutero. “Certamente as grandes impressões colhidas em Roma não fizeram de Lutero um reformador; antes mostram-no como filho exemplar da Igreja Medieval” (DELUMEAU, 1989, p.86).

Como vemos, os conflitos de Lutero não se fizeram após a visita a Roma, mas já existiam na interioridade de sua natureza, angustiada e sufocada pelo temor a Deus, o Deus punitivo, como era mostrado pela Igreja Medieval. Tudo o que viu e viveu nas quatro semanas em que esteve na cidade eterna não determinou nenhuma mudança radical na sua vida, quando de seu retorno a Wittenberg. Tudo continuou como antes inclusive seu inabalável temor do Deus justiceiro.

[...] tudo, até mesmo as obras de arte nas capelas ou nos pórticos das igrejas, falava ao jovem Lutero de um Deus terrível, implacável, vingador, tomando rigorosamente em conta os pecados de cada um para os lançar ao rosto aterrorizado dos miseráveis votados a expiação (FEBVRE, 1994, p.26).

Em outubro de 1512 foi-lhe conferido o título de doutor, o qual Lutero se reportou durante toda a sua vida como sendo uma responsabilidade a mais na condução de suas atividades como pastor e professor. Ensinar com fidelidade devia ser a sua posição de homem que pregava a verdade bíblica e que meritoriamente conquistava esse grau por elevados dons e singular dedicação aos estudos teológicos. As solenidades de titulação aconteceram nos dias 18 e 19 desse mesmo mês e ano e contou com a presença honrosa do duque da Saxônia. O Príncipe Eleitor Frederico, o Sábio, que arcou com todas as despesas. Pois “o duque tendo ouvido os seus sermões, ficara profundamente tocado, não só pelos dons intelectuais e a força

retórica, mas principalmente pela excelência da doutrina exposta” (MELANCHTHON, 1983, p.24).

Lutero nessa ocasião estava com 30 anos e gozava da amizade, admiração e respeito de seu provincial Von Staupitz, que o felicitou de forma profética após a conquista do grau de Doutor e que num documento histórico de 1546, Melanchthon (1983, p.17), relembrou as palavras do prior, ditas em tom jocoso: “agora Deus certamente terá muitos problemas a resolver na sua igreja, precisando de Lutero como seu instrumento”.

Embora tais palavras tenham sido proferidas em tom de brincadeira, elas se concretizaram mais tarde, pois, como se constatou, Lutero se fez um reformador da Igreja e a cisão foi inevitável, dividindo a cristandade ocidental em católica e protestante, ainda nos meados do século XVI. Mas a luta não foi solitária. Houve muitos fatores que contribuíram para que se chegasse a esse desfecho. “Humilhada por se ver explorada, dividida e posta à tutela, a Germânia esperava confusamente que uma voz a despertasse e a fizesse tomar consciência de si mesma” (DANIEL-ROPS, 1996, p.276).

A partir de 1512, como professor de Bíblia, Lutero passou a desenvolver intensa atividade em Wittenberg. De agosto de 1513 a outubro de 1515 interpretou os Salmos, em 1515 e 1516 trabalhou sobre a Epístola aos Romanos, fato que serviu de base para sua teologia. Em 1516 foi a vez dos Gálatas, de 1517 a 1518 trabalhou com os Hebreus, em 1518 voltou a ver os Salmos. É bom lembrar ao leitor que entrementes essas, pode-se adicionar também, a partir de 1516, as disputas acadêmicas, que segundo uma tradição medieval, se desenrolavam na universidade. O professor muitas vezes não era o autor, mas o inspirador das teses em disputa. Assim, Lutero participou das disputas sobre as teses de 1516: **As Forças e a Vontade do Ser Humano Sem a Graça**, em 1517, **Contra a Teologia Escolástica** e também em 1517, causando profundo impacto social e religioso: **Sobre o Valor das Indulgências**<sup>5</sup>.

Mesmo causando muito alarde e especulações, as 95 teses exprimiam as aspirações dos vários setores da Igreja, daí a repercussão que ocasionou tais escritos. “As discussões levaram uma parte considerável dos estudantes da Europa a se dirigirem a Wittenberg” (DREHER, 2002,

---

<sup>5</sup> Lutero (1995, p.21-30, v.1. In: Obras Seleccionadas).

p.27). A prática das indulgências existia desde o século XI. A princípio elas só abrangiam as penas impostas pela igreja na vida terrena, posteriormente foram estendidas àquelas do purgatório, abrangendo as pessoas já falecidas.

A atribuição das indulgências veio a se tornar mais freqüente no final da Idade Média e estava atrelada às necessidades financeiras do papado contra o qual Lutero iria se levantar a partir de 1517. Para entender melhor a respeito do custo da aquisição de uma indulgência, lembremos que o valor era de um florim para o artesão e vinte e cinco florins para os reis, bispos e príncipes. Recordemos, também, que o custo da subsistência de uma pessoa importava em um florim por uma semana (LIENHARD, 1998, p.60).

A Cúria e o Estado papal dependiam em grande parte das rendas auferidas com a venda de indulgências. Para os fiéis, a indulgência era a oportunidade de se protegerem do purgatório e do juízo eterno. De modo que o tema indulgência era de muito apelo popular, já que no início do século XVI, as opiniões dos teólogos divergiam bastante e não havia a necessária clareza a respeito do assunto. Ainda que as 95 teses tenham sido um marco para a Reforma da Igreja, dada a repercussão que tiveram e os conseqüentes desencadeamentos que suscitaram, elas não tinham, de modo algum, a intenção de deflagrar um movimento. Lutero nada mais pretendia que o esclarecimento teológico de uma questão que o envolvia como cura de almas e que tinha implicações com os seus paroquianos. Mesmo conquistando grande popularidade, Lutero foi inserido num processo por suspeita de heresia (**Debate para Esclarecimento do Valor das Indulgências**, p.21).

Nos primeiros meses de 1518 nada aconteceu de fato com o monge, mas, em 23 de agosto, pressionado pelo imperador Maximiliano, Leão X convocou Lutero, como suposto herege, a se retratar. O diálogo com Lutero não levou a uma retratação. No final do ano chegou à Saxônia um enviado de Roma, Carlos von Miltitz, com a incumbência de enunciar os artigos equivocados dos quais Lutero deveria se retratar. No entanto, a 12 de janeiro de 1519, morreu o imperador Maximiliano e a questão Lutero passou para segundo plano, ficando o processo adormecido por quase um ano. Todos esses acontecimentos contribuíram para que o movimento deslanchado por Lutero fosse ganhando expressão e força. “Foi espantoso o dinamismo do movimento evangélico e seus escritos começaram a espalhar-se também fora

da Alemanha. Em outros países pregadores anunciavam o luteranismo e se constituíam círculos de simpatizantes” (LIENHARD, 1998, p.95).

O processo contra Lutero só foi reiniciado em fevereiro de 1520, tendo sido eleito Carlos, já rei da Espanha, imperador alemão, passando a chamar-se Carlos V. Em 15 de junho foi publicada a bula *Exsurge Domine*, que caracterizava quarenta e uma afirmações de Lutero como sendo heréticas, escandalosas, ofensivas e contrárias à doutrina católica. Com essa acusação Lutero deveria renunciar a seus ensinamentos no período de 60 dias, assim como deveria queimar seus escritos. No sul da Alemanha, os bispos não publicaram a bula; temiam revoltas populares.

Na Alemanha central, a resistência foi aberta. Houve levantes estudantis contra a Cúria e as Universidades de Leipzig e Wittenberg negavam-se a publicá-la. Diversos volumes do Direito Canônico foram queimados em 10 de dezembro de 1520, diante de um dos portões da cidade, Lutero queimou publicamente, a bula *Exsurge Domine*. “Já que corrompeste a verdade divina, que o fogo te consuma” (**Sermão sobre o Poder da Excomunhão**, p.191).

A despeito de toda essa rebelião, Lutero foi proscrito, em maio de 1521, quando Carlos V assinou o Edito de Worms. A ordem era prender Lutero e seus adeptos. Proibiu-se a divulgação de suas obras. Todos os livros que doravante fossem publicados em língua alemã deveriam ser submetidos às faculdades de teologia para que fizessem uma censura prévia.

Lutero só não foi aniquilado graças à sua força e a de seus seguidores, que limitaram o alcance da lei e às condições sócio-política do momento, pois a Alemanha tinha peso econômico-financeiro nas decisões do Império. A situação exigia diplomacia por parte de Roma e de Carlos V, portanto, “Lutero achava-se numa situação surpreendentemente favorável a um movimento ao pé-da-letra, revolucionário” (DANIEL-ROPS, 1996, p.296). Isso porque enquanto muitos foram executados como hereges, por desobediência às leis de Roma, Lutero foi protegido pelos príncipes alemães que impediam o cumprimento do Edito de Expulsão, advindo do Papa.

Lutero estava, então, banido do Império! Tal era a sua situação legal. Mas quem executaria o decreto? Devia ser o príncipe, Frederico, o Sábio, que não tinha grande vontade de fazê-lo. Era preciso encontrar um stratagem. Quando Lutero, na estrada de Gotha, regressava a Wittenberg, forjou-se um rapto e ele foi conduzido até Wartburg, ao norte de Eisenach. Ali viveria, em 1521, durante 10 meses, sob o nome de cavaleiro Jorge. Para não ser reconhecido, deixou crescer a barba e o cabelo (DANIEL-ROPS, 1996).

O período de clausura salvaria Lutero, mas foi-lhe muito pesado. Além da saúde, que era ruim, devido às indisposições intestinais que o torturavam, havia mal pior que eram os sofrimentos morais. Expulso da Igreja, sentia-se aterrorizado por remorsos e dúvidas. “O meu coração tremia. Dizia a mim próprio – és tu o único que tem razão? Todos os outros se enganam?” (**Teses Debatidas em Leipzig**, p.348). Mais uma vez o seu conflito interior o fez buscar forças no estudo das Escrituras, buscar as respostas às dúvidas que o atormentavam e as encontrou nas Cartas Paulinas, o que foi bastante produtivo em termos teológicos.

No meio dessa crise, encontrou força moral suficiente para escrever: um tratado sobre a Confissão Auricular e outro sobre a Abrogação da missa privada. E foi em Wartburg, também, que ele iniciou a grande obra de sua história, a tradução do **Novo Testamento**, para o alemão, em fins de 1521 e o publicou em 1522. Esse trabalho ele concluiu em três meses e contou com a ajuda dos amigos humanistas, Melanchthon e Espalatino para algumas passagens difíceis.

Tanto historiadores cristãos quanto os historiadores destituídos de crença religiosa admitem que a tradução da Bíblia por Lutero representou um marco. É bem verdade, que ele não foi o primeiro a traduzir a Bíblia para o alemão. “Entre 1466 e 1522, nada menos de 14 edições tinham aparecido em alto-alemão e quatro em baixo-alemão. No entanto, por múltiplas utilidades, a tradução de Lutero suplantou a todas em pouco tempo, impondo-se na Alemanha” (LIENHARD, 1998, p.276).

E foi notável que o Reformador traduziu o texto bíblico para a linguagem cotidiana de seus contemporâneos, sem sacrificar com isso a poesia e outras particularidades do texto original. Ele quis fazer jus às pessoas simples, para isso usou a língua do povo

Devemos perguntar a mãe em casa, as crianças na rua, ao homem comum no mercado, olhar atentamente para suas bocas, como costumam falar, a fim de traduzir de acordo. Aí essas pessoas entendem e percebem que se fala alemão com elas (**Catecismo Maior**, p.337).

Em março de 1522 Lutero deixou o seu refúgio e assumiu o rumo dos acontecimentos. Numa série de sermões exortou os cristãos a não atropelarem as coisas e a procederem com amor, respeitando a consciência do próximo. Para assegurar a paz escreveu: **Exaltação Sincera a Todos os Cristãos a Evitarem Tumulto e Rebelião**<sup>6</sup>. Aí sustentava que a tirania espiritual só poderia ser vencida pela Palavra da Verdade e que a Bíblia era a fonte desse conhecimento (DANIEL-ROPS, 1996, p.295).

Consideremos também que, além das obras de Lutero, alguns fatos importantes merecem ser mencionados, talvez porque possam apontar algumas direções para entender o seu pensamento. Em 1524-1525 aconteceu a rebelião dos camponeses e trabalhadores, a qual ameaçava as estruturas da sociedade na Alemanha, posto que exigia liberdade, invocando o Evangelho. Sobretudo, tendo por base as proposições do manifesto **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**, escrito em 1520, Lutero, teceu crítica severa ao luxo da rica nobreza e do clero corrompido. “Concretamente, isso significava para os camponeses despojar o clero de suas riquezas e, por conseguinte, secularizar os territórios e as propriedades eclesiásticas, ainda que pela força” (LIENHARD, 1998, p.116).

Nesse contexto, a situação dos camponeses alemães era insustentável, pois eram pressionados pela força exploradora dos príncipes que os extorquiam com altas taxas e impostos e também intimidados pela Igreja para o pagamento de dízimos como uma forma de manutenção de privilégios garantidos a partir de gerações anteriores. “Não podiam casar-se, nem morrer, sem que seu senhor lhes cobrasse” (VIEIRA, 2002, p.63).

---

<sup>6</sup> Lutero (1995, p.472-483, v.6. In: Obras Seleccionadas).

Há de se considerar que os camponeses retomaram dois temas essenciais da mensagem luterana, mas foram mais longe do que queriam os Reformadores, ou seja, até a sublevação. O primeiro tema foi aquele da autonomia do leigo e da comunidade local. O julgamento sobre a verdade não estava mais reservado aos clérigos, à Igreja institucional e às autoridades. A comunidade local era assim revalorizada, uma vez que no sistema feudal ela não tinha tido, até então, mais do que um pequeno espaço (LIENHARD, 1998).

Os camponeses, ao tirarem da mensagem luterana a idéia de que era preciso estabelecer um direito novo, baseado essencialmente na Escritura, colocaram as autoridades, que não aceitaram tais reivindicações, fora desse programa de mudanças, portanto como não-cristãos deveriam ser substituídas. Tal entendimento gerou violência. Pergunta-se: as duras investidas de Lutero contra os clérigos e contra a opressão que estes exerciam não eram de natureza a suscitar junto aos camponeses a idéia de que era preciso pôr fim, se necessário pela força à exploração do povo? (LIENHARD, 1998).

Nesse contexto, com o desenrolar dos acontecimentos Lutero se sentiu provocado a intervir. Criticou os revoltosos por se denominarem movimento cristão, por usarem o evangelho para exigir vantagens e por estarem promovendo sua causa pela violência. Aliás, Lutero, que até então se mostrara solidário com os camponeses, descompatibilizou-se desse empreendimento, o qual considerou um mal-entendido em relação a sua mensagem.

Ao constatar que a rebelião estava gerando violência e anarquia, exortou os príncipes, apesar de tiranos e adversários do Evangelho, a defender a sociedade, recorrendo às armas. Nesse período de 1525, escreveu **Contra as hordas ladras e assassinas dos camponeses**<sup>7</sup>, motivando os príncipes à ação. Calcula-se que seis mil revoltosos tenham sido liquidados nesse dia, 15 de maio de 1525. Esse episódio, no juízo de historiadores, afastou de Lutero as massas populares, porém trouxe muitos nobres para a sua causa (ALTMANN, 1994).

Nesse período conturbado, num ato de confiança em Deus e de provocação aos adversários, casou-se com Catarina von Bora, uma ex-freira de origem nobre. Por quê? Por paixão? Com certeza que não. Talvez o fizera pela necessidade de ir até o fim de si mesmo, de ser

---

<sup>7</sup> Lutero (1996, p.337-359, v.6. In: Obras Seleccionadas).

totalmente coerente com os seus princípios, de destruir uma regra eclesiástica que considerava invenção humana, de libertar a vocação sacerdotal do jugo do celibato. Quando deu esse passo, foi sobretudo “para zombar do diabo e de suas armadilhas, porque, para Lutero, a obra da carne continuava a ser um pecado, que Deus perdoava por pura bondade” (DANIEL-ROPS, 1996, p.324).

Desse matrimônio tiveram cinco filhos e vivia então, entre gritos de crianças e fraldas estendidas no varal. Mas o casamento não o fizera mais feliz. Com o passar dos anos, o seu caráter forte foi se acentuando dia-a-dia. Continuava espantosamente complexo, talvez muito mais do que na época dos seus trinta anos. Místico, impelido às alturas por admiráveis arroubos de fé. Essa natureza arrebatada, mas de posse de uma razão tenaz e metódica, talvez, isso, tenha contribuído para a constituição de uma pedagogia que Lutero empreendeu para atingir seus objetivos: lutar com determinação por escolas para que todos pudessem ler e interpretar a palavra de Deus (CAMBI, 1999).

Em 1526, Lutero e Melanchthon reivindicaram ao duque eleitor João, sucessor de Frederico, que desencadeasse um processo de supervisão das igrejas e escolas, em caráter precário, na condição de protetor das igrejas. Os termos da visitação foram divulgados por Felipe Melanchthon nas **Instruções dos Visitadores aos Párocos**, de 1528, com prefácio de Lutero. Neste texto Melanchthon escreveu dezoito artigos que tratavam da fé, dos mandamentos de Deus, de oração, dos sacramentos e da liberdade cristã.

Todavia, os visitadores perceberam que grande parte do povo a que se dirigiam se conservavam fiel ao catolicismo, mas muito ignorantes na fé. Por isso tentaram conquistá-los com a doutrina luterana. No prefácio também se lê que o príncipe não estava assumindo o papel de bispo secular, mas o fazia numa situação de emergência, o que o amor cristão exigia, até surgir uma solução definitiva, em concílio da Igreja Cristã (GARCÍA-VILLOSLADA, 1976, p.278).

A ignorância do povo e do clero, que a visitação revelou, motivou Lutero a publicar dois catecismos em 1529, o **Catecismo Maior** e o **Catecismo Menor**<sup>8</sup>. Ambos se constituem de

---

<sup>8</sup> Lutero (2000, p.325-470, v.7. In: Obras Seleccionadas).

exposições extensas, ensinamento cristão que os pastores deviam oferecer ao povo, em sermões catequéticos. O pequeno era destinado ao povo simples, inculto, aos jovens e o grande para o clero e os fiéis instruídos.

No início de 1530, Carlos V regressou à Alemanha após nove anos de ausência, e não a encontrou muito diferente da situação em que deixara. Era, agora, impossível recuar das concessões feitas aos princípios luteranos; a Alemanha era o baluarte e a reserva contra a ameaça turca, e assim, tornava-se indispensável restabelecer a paz religiosa, mas de modo algum pela força. Combinou-se, pois, que os protestantes exporiam as suas razões na Dieta que se reuniria em Augsburgo, a fim de discutir a teologia luterana e o seu campo de ação. Nessa Dieta, seis príncipes e quatorze cidades, além de Hamburgo, Brunswick e Lübeck que haviam aderido à Reforma, protestaram contra o Edito de Worms, de 1521, que proibia que a nova religião fosse oficializada em territórios onde ainda não estivesse sendo praticada (DELUMEAU, 1989).

Nesse contexto de guerra Lutero escreveu o **Sermão de Campanha contra os Turcos**, em 1529<sup>9</sup>, nesse momento as forças turcas sitiavam Viena e ameaçavam tomar a Europa inteira. Temendo uma desgraça iminente, Lutero adotou um tom apocalíptico e exortou não à resignação, mas sim a uma decidida ação responsável e empreendida com uma atividade política secular, em defesa do povo, na qual todos os cristãos deveriam participar, inclusive, mulheres e crianças (ALTMANN, 1994).

Foi nessas condições que Melanchthon redigiu o texto conhecido pelo nome de **Confissão de Augsburgo** e que passaria a ser formulário exato da reforma luterana<sup>10</sup>. As circunstâncias aconselhavam o redator a suavizar as polêmicas, além de que, seu temperamento era infinitamente mais moderado do que o de Lutero. Melanchthon pretendia ir ainda mais longe nas concessões, mas Lutero, opôs-se a isso imperiosamente. A **Confissão de Augsburgo** contém vinte e oito artigos com a essência do luteranismo. Mas o pensamento total de Lutero não se esvai nesses artigos. É preciso:

<sup>9</sup> Lutero (1996, p.405-465, v. 6. In: Obras Seleccionadas).

<sup>10</sup> O texto foi redigido por Felipe Melanchthon e é o documento básico da Igreja Luterana.

Que debrucemos sobre seus textos, que são a expressão direta de um pensamento singularmente movediço, para que possamos ter presente toda a margem de incerteza e de aproximação revelada por cada posição (DANIEL-ROPS, 1996, p.310).

Na realidade, Lutero viveu e sofreu, intensamente, em toda a sua vida, grandes e várias crises, mas a mais profunda, talvez tenha sido a crise moral que sofria todo o luteranismo e cuja gravidade o fundador sabia avaliar. Difundida entre as massas a sua Reforma estava longe de ter obtido como resultado, aquela transformação interior que se propusera alcançar. Muito pelo contrário. De ano para ano, parecia-lhe que a situação se agravava. Em 1525, Lutero já chegara a essa conclusão que muito o entristecia: “camponeses já não temem nem o inferno nem o purgatório; por isso são orgulhosos, insolentes e cúpidos. Temos a fé, proclamam eles, e é quanto basta!” (**Contra as Hordas Salteadoras e Assassinas dos Camponeses**, p.330).

Lutero se sentia cada vez mais responsável por essa decadência moral. Podia agora meditar com amargura sobre as palavras cruéis que Erasmo lhe arremessara ao adverti-lo de que de suas teses sairia “uma raça imprudente, anárquica e insolente, que deporá contra ele mesmo” (DANIEL-ROPS, 1996, p.337). As mesmas pessoas a quem o reformador pregava a moral respondiam com suas próprias palavras, interpretando-as como bem entendiam: “Não nos ensinastes que o homem é incapaz de praticar o bem e de se justificar diante de Deus?” (**De Servo Arbitrio**, p.16)<sup>11</sup>. Lutero, por sua vez, encolerizava-se quando via que sua teologia estava sendo mal interpretada e vivida erroneamente. Compreende-se aí, a angústia que, perante tal espetáculo, torturava o iniciador da Reforma.

Os últimos anos de Lutero foram de muitos conflitos. Desde 1538 sofria de pedras nos rins, o que lhe infligia, por vezes, torturas intoleráveis; tornara-se um homem gordo, de tez pálida e rosto inchado, cujos traços, deformados pela gordura, já não lembravam em nada os do magro monge que, trinta anos atrás, se lançava sozinho ao assalto da velha fortaleza de Igreja, num desafio desesperado.

---

<sup>11</sup> De Servo Arbitrio (Da Vontade Cativa), escrito e publicado em 1525 e em 1526 traduzido para o alemão, Lutero afirma que o homem é impotente, está corrompido e é prisioneiro do pecado. Ele é justificado, não porque se transforma interiormente, mas porque Deus o cobre com uma capa de perdão (DELUMEAU, 1989, p.49).

O seu caráter se tornara mais terrível. Nem sempre, porém, porque tinha momentos de distensão e alegria, em que compunha cânticos e contemplava com ternura as flores, os animais e as crianças. Mas, na maior parte do tempo, corroído pela doença e acobrinhado por trabalhos e canseiras, cedia a uma irascibilidade que não poupava ninguém. Nem a mulher, nem os amigos, nem os próximos. Melanchthon (1983, p.23) confessava que “a vida ao seu lado parecia uma insuportável prisão”.

Durante o inverno de 1546, embora gasto, fatigado e gravemente doente, Lutero arrastou-se ainda por duas vezes até Mansfeld, para arbitrar um conflito que opunha dois condes a propósito de direitos sobre minas de cobre. Essa, talvez seja, uma bela prova de dedicação e de espírito humanitário. Em fevereiro, com um tempo duro de gelo e frio, teve de se lançar novamente à estrada. Chegando a Eisleben, sua terra natal, sentiu-se fraco e oprimido, e falou de seu fim próximo. Na noite de 17 para 18 de fevereiro, sobreveio um fulminante ataque de apoplexia ou de congestão pulmonar. Os médicos que acorreram nada puderam fazer. Às três horas da manhã, entregou a alma ao criador, depois de ter pedido aos discípulos que o acompanhavam para que perseverassem na sua doutrina.

Lutero esposara uma concepção de que era um enviado de Deus e como tal, tinha uma missão a cumprir. Portanto, seu dever era promover reformas e mudanças na sociedade de seu tempo, já que tinha um papel específico na história. “Sou um eclesiástico por ordem e graça de Deus; sou o profeta dos alemães” (*À Nobreza Cristã...*, p.276). Contudo, ele permaneceu constante ao que ele conferiu como sua missão: tratou até o fim, de anunciar o evangelho. Somente pela educação Lutero poderia realizar a sua obra primeira, promover a fé pela vivência da palavra, pelo conhecimento da Bíblia.

## 1.2 O CONTEXTO HISTÓRICO

Para melhor entendermos o pensamento de Lutero é fundamental relacioná-lo ao período de transição religiosa de sua época, pois a Europa de seu tempo não era a mesma de seus antepassados. Era uma Europa que buscava superar suas origens feudais, provocando profundas alterações em todos os setores da atividade humana. Transformações essas que

alteraram significativamente a forma de compreender a existência humana e as suas relações com o Divino.

Assim, a Reforma religiosa do século XVI, que teve como principal vulto o monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546) não pode ser explicada a partir da ação de uma única pessoa, ou seja, do próprio Lutero. Muito antes de Lutero, haviam sido criadas situações, haviam sido difundidas idéias e sentimentos que provocaram, mais tarde, o conflito com a Igreja de Roma. Esses acontecimentos, em conjunto com: a invenção da bússola, da pólvora, da imprensa e as grandes descobertas marítimas possibilitaram e despertaram sentimentos de liberdade e os homens desse período buscaram ampliar suas fronteiras, não só territoriais, mas intelectuais, culturais e religiosas. Portanto, as origens da Reforma em um sentido mais amplo devem ser procuradas no processo emancipatório do final da Idade Média, que levou à Idade Moderna (DELUMEAU, 1989).

O espaço no qual o movimento luterano se desenvolveu, em primeiro lugar, foi a entidade chamada “Sacro Império Romano-Germânico”. Segundo Lienhard (1998), esse império se compunha de 350 entidades, maiores ou menores (território, cidades livres, principados eclesiásticos) e tinha à sua frente um imperador eleito. No alvorecer do século XVI a questão do poder espiritual e temporal não cessava de ser posta à prova. Eram inúmeras as tensões entre o imperador e as instituições do Império.

Nessa época o imperador não tinha poder além da medida em que dispusesse de apoio territorial de ordem pessoal. Era um período de sutil equilíbrio de forças entre Sacerdócio e Império e o próprio papado contribuiu muito para pôr fim a essa paridade de poder, sobrepondo-se. Para assegurar a independência da igreja, o papa buscava enfraquecer o poder do Império. Era uma grande luta; de um lado o poder espiritual, representado pela Igreja de Roma e de outro o poder imperial secular. Havia uma linha muito tênue onde começava um e terminava outro.

No tempo de Lutero, segundo Dreher (2002), ocupava a sede imperial, Frederico III, cujo reinado fora tão ineficaz quanto longo (1440-1493). Mais brilhante foi seu filho Maximiliano (1493-1519), mas foi com Carlos V que coincidiu o período de atividade pública de Lutero.

Carlos V reinava sobre a Espanha e a Europa Central, ao mesmo tempo em que portava a coroa imperial<sup>12</sup>. Muitas vezes fazia prevalecer os interesses dinásticos pessoais em detrimento dos do Império.

Pensar sobre o contexto histórico social no qual viveu Lutero, faz-se necessário remeter-se aos acontecimentos do século XV, que se viu marcado por apelos de reforma em todo o império. Uma ou outra reforma tinha visto a luz do dia, outras ficaram calcadas nas expectativas frustradas dos homens daquele tempo, contribuindo, em futuro mediato, para os anseios de mudanças que culminaram no século XVI. Em 1495, já no final do século, havia sido criada uma Câmara Imperial de justiça que garantiu a chamada paz perpétua, que proibia a luta armada pela qual os cavaleiros faziam justiça com as próprias mãos.

De outra parte, introduziu-se um imposto geral, que seria utilizado em melhorias para as comunidades, mas que fora muito pouco utilizado. Aliás, todas as decisões relativas ao Império eram tomadas em comum acordo entre o imperador e a Dieta<sup>13</sup>. Essa se agrupava em três categorias, os sete príncipes-eleitores (que elegiam o imperador), os outros príncipes e condes seculares, bem como, as autoridades eclesiásticas e as cidades do Império, em número de sessenta e cinco, cujo poder e autonomia só veio a crescer a partir de 1521, quando a Reforma já estava consumada.

Duas questões viriam a atrair a atenção das dietas nas primeiras décadas do século XVI, a questão religiosa, colocada em 1521, quando então Lutero compareceu diante da Dieta de Worms, e o perigo turco. A Assembléia em Worms estava composta por muitos príncipes hostis à igreja, portanto nada fizeram para dissuadir Lutero a voltar atrás nas críticas à Igreja de Roma. “Tal acontecimento fez com que o imperador passasse um edito pondo como fora da lei o frade turbulento” (BURNS, 1979, p.464).

---

<sup>12</sup> Carlos V reinava sobre vasta extensão territorial. Tinha, além da Espanha, possessões na Áustria e Nápoles. Esse poder inspirava temor no papado, mas também ao rei da França (LIENHARD, 1998, p.19)

<sup>13</sup> As dietas funcionavam como parlamentos, onde essas assembléias discutiam as questões postas e procediam com a votação de seus membros-eleitores. As decisões, via de regra, eram homologadas, exceto no caso Lutero, em Worms, que o príncipe-eleitor da Saxônia, recusou-se a homologar a sentença Romana (LIENHARD, 1998, p.69).

Esse fato, somado à proximidade dos turcos a Viena afetaram o conjunto do Império, do ponto de vista militar e do ponto de vista social. A conjugação entre a divisão religiosa e ameaça turca foram fatores políticos marcantes da época, mas não só, pois o período estava marcado sensivelmente por muitos acontecimentos que culminaram com a Reforma não só da Igreja, mas de toda a sociedade Medieval.

Alguns acontecimentos relevantes, como: as alterações ocorridas nos estados europeus; a transferência do poder imperial aos poderes particulares; as batalhas da casa Habsburg contra a França nas guerras italianas; o cerco turco a Viena, a desesperada luta pela sobrevivência do feudalismo, como também as grandes viagens transoceânicas, ampliaram os horizontes e abriram possibilidades para o mercantilismo.

Fundamentando-nos em Dreher (2002), podemos afirmar que a história da Reforma também pode ser apresentada como resultado das profundas mudanças culturais da humanidade, pois em boa parte ela coincidiu com o Renascimento e o Humanismo. Lembramos que o Renascimento iniciou antes da Reforma e que muitos dos que ajudaram na Reforma eram humanistas. Destacamos Erasmo de Roterdão (1466-1536) e Felipe Melanchthon (1497-1560), dos quais Lutero recebeu importantes contribuições. Os humanistas aspiravam a uma religião simples, vivida, evangélica, cujos dogmas deveriam ser poucos numerosos na qual deveria se procurar e achar a paz de espírito na imitação de Cristo. Segundo Delumeau (1989), Erasmo afirmava que na religião deveria ser dado relevo antes de tudo à caridade e que Cristo nada prescrevia além do amor, e que nada existia no mundo que a caridade não suavizasse.

Erasmo é considerado o príncipe incontestado do humanismo e, como tal, escreveu o **Elogio da Loucura**, em 1509, uma obra que abalou seu tempo pela ousadia e estilo revolucionário, inclusive ele desempenhou papel fundamental na eclosão da Reforma Protestante, onde a maior parte daquilo que os reformadores objetam à Igreja, encontra-se criticado por Erasmo nessa obra. Muitas das críticas de Lutero à Igreja é compartilhada por Erasmo que sofreu as agruras da pobreza e da bastardia, conviveu com príncipes e nobres, passara, como Lutero, pelos rigores da vida monacal, vira desde o baixo até o alto clero comprazerem-se no luxo e na libertinagem, testemunhara o furor dos príncipes italianos em guerra e presenciara a miséria aflitiva do povo (CANTOS, 1997).

Convém que lembremos de alguns acontecimentos políticos e sociais que fizeram pano de fundo no contexto da Reforma, no século XVI. Para se entender esse período é importante saber que, no início do século haviam se formado, na Europa Ocidental, alguns estados nacionais. Na França, a coroa real soube se impor aos vassallos, nas Ilhas Britânicas, a Inglaterra e a Escócia uniram-se em um Reino. Diversos domínios Ibéricos uniram-se para formar a Espanha dos tempos modernos. Dos antigos reinos, apenas Portugal manteve sua autonomia. Francisco I da França, e Carlos I da Espanha, eram governantes de potências (possessões na Alemanha, Itália e Espanha) a ponto de Francisco I se candidatar ao trono imperial alemão, quando em 1519 faleceu Maximiliano I. Carlos, como neto de Maximiliano, tornou-se em 1516, herdeiro da Espanha e da Borgonha e, em 1519, o imperador alemão.

Na Europa Central a situação era distinta. Nem a Alemanha tampouco a Itália haviam conquistado uma unidade política. Ali existia uma infinidade de centros regionais de poder, todos subordinados ao poder imperial. Enquanto os poderes regionais buscavam assegurar sua participação no poder imperial o imperador lutava para aumentar seu poder, levando os estamentos a reclamarem constantemente da servidão a que estavam sendo submetidos pelo poder feudal e pela religião de Roma. Foi nessa região, especialmente na Alemanha, que eclodiu o movimento reformatório (DREHER, 2002).

Na Itália, a divisão territorial era ainda mais complicada. Ali, nem dinastia existia e as formas de governo alteravam-se constantemente. Havia democracias que logo eram eliminadas por tiranos, esses por sua vez, derrubados, davam lugar a novas democracias. Nela, encontrava-se também o papado. De um lado esse representava o poder hegemônico sobre a cristandade, de outro, era governante do Estado Pontifício, que abrangia o centro da Itália.

O papado era um dos centros de poder na Itália e, como tal, estava profundamente envolvido nas questões de política local. Essa dupla função do papado teve conseqüências catastróficas para a igreja universal. Aliás, muitos papas se comportavam como verdadeiros príncipes seculares. Numa época de inquietude, apegavam-se mais aos gostos artísticos, às preocupações políticas.

Conforme já mencionamos, o perigo turco foi outro grande problema político da Europa do século XVI. Desde os tempos das cruzadas os turcos haviam se expandido, conquistando território após território nas Balcãs, isso preocupava muito dos detentores do poder político. A situação de guerra fez com que Carlos V necessitasse de aliados. Esses aliados eram, em boa parte, Protestantes. Nas diversas Dietas, os estamentos alemães sempre exigiram que a questão religiosa fosse discutida antes de se tratar de empréstimos para a guerra contra os turcos.

Dependendo das concessões religiosas, faziam-se concessões financeiras. Quando os protestantes se uniram formando a Liga de Esmalcada em 1536<sup>14</sup>, todos os adversários da Casa de Habsburgo quiseram ser seus aliados. A Reforma deve sua expansão, em grande parte, às guerras que foram travadas na Europa, não só contra os turcos, mas mediante circunstâncias religiosas e políticas do momento precioso. Portanto, essa constatação política favoreceu o Protestantismo – daí a concretização da Reforma e uma nova ordem social e religiosa se estabelecia (DELUMEAU, 1989).

Em uma análise sobre o período em que desencadeou a Reforma, depreendemos que ela deve ser vista como parte da História da cultura. Parcialmente, ela coincide com o Renascimento, iniciado na Itália no século XIV. O próprio nome Renascimento quer expressar que, naqueles dias, a antiguidade nascia de novo, renascia. Formalmente foram redescobertos escritos de literatura latina, trazidos de Bizâncio para a Itália, após a queda de Constantinopla. Na Itália, o Renascimento auxiliou na formação de um espírito nacional e levou à busca da latinidade clássica. Na Alemanha foi além, ali se estudaram os autores clássicos. Ao lado do latim, grego e hebraico, a Universidade delineou o seu caminho.

O século XVI foi também um período de Humanismo e grande parte dos Reformadores era humanista ou influenciada por essa corrente de pensamento. Melancthon (1497-1560), amigo e, professor, em Wittenberg, acompanhou Lutero até o fim de seus dias, deu importantes contribuições à Reforma. Ambos se conheceram em 1518, Na Universidade e desde essa época continuaram parceiros nos ideais de mudança religiosa e social. Zuínglio (1484-1531), nasceu em Wildhaus, de família rica e conceituada. Estudou em Viena e

---

<sup>14</sup> Representantes de estamentos comprometidos com a nova fé reuniram-se em Esmalcada, criando ali uma liga de defesa, conhecida como Liga de Esmalcada, em 1536 (DREHER, 2002, p.37).

Basiléia recebendo formação humanística bastante ampla. Leu todos os escritos de Lutero, mas jamais se considerou seu discípulo. Calvino (1509-1564), nasceu na Picardia, França e organizou a educação em Genebra; escreveu a **Instituição da Religião Cristã**, redigida em latim em 1535 e publicada em Basiléia em março de 1536 e fez de Calvino o “segundo patriarca da Reforma” (DELUMEAU, 1989, p.117). Segundo ele, a educação era necessária à sustentação da República, que se assentava em bases religiosas, daí a intolerância que por vezes demonstrou.

Todos esses contemporâneos de Lutero foram também representantes do Renascimento, aliás, Renascimento e Humanismo são muitas vezes usados como sinônimos, ainda que apresentem o mesmo fenômeno sob perspectivas diferentes. Certo é que “a pessoa” do Renascimento tinha uma posição distinta em relação às realidades do imanente com uma individualidade acentuada. Essa renovação da existência humana, trouxe também uma nova concepção do mundo e da vida. Assim, os pedagogos desse período foram compreendendo que o novo ideal educativo não era a imitação servil do homem clássico e que o profundo sentido da *humanitas* (o que só ao homem era dado criar e assimilar) possuía inesgotáveis perspectivas (LARROYO, 1982).

Lutero herdou esse princípio renascentista ao creditar no cristão uma capacidade de por si só interpretar a Escritura e ser livre para servir a Deus e ao próximo por meio do conhecimento bíblico. A corrente humanista acentuou o valor da individualidade e decorreu daí o desenvolvimento do espírito crítico e o surgimento de um novo homem que pensasse por si mesmo. O humanismo, portanto, esteve muito presente na Reforma, há um humanismo latente em Lutero ou nas suas proposições reformistas, ainda que por vezes, ele tenha condenado alguns humanistas, dentre eles, Erasmo de Roterdão, com quem Lutero teve um embate a respeito do livre-arbítrio<sup>15</sup>.

Segundo Lienhard (1998), Erasmo de Roterdão se opunha a Lutero não por causa das críticas que este dirigia contra a hierarquia da Igreja, o culto dos santos, as peregrinações, as indulgências, pois nesse domínio Erasmo antecipou Lutero, mas sobre um problema teológico e limitado que é o de manter a discussão dentro do quadro universitário. Erasmo sempre

---

<sup>15</sup> Erasmo de Roterdão (1466-1536) holandês aclamado príncipe dos humanistas, precursor da Reforma no sentido estritamente religioso (DREHER, 2002, p.15).

recusou a adesão que Lutero lhe pedia, mas desaprovou a atitude de Roma e a excomunhão do monge saxão.

Os humanistas estiveram muito ligados ao Reformador, inclusive seu companheiro dileto Melanchthon, mas muitos deles eram adversários da Reforma protestante. Também os anabatistas receberam em boa medida influências do Humanismo. Eram um grupo que se denominavam iluminados, “os profetas de Zwickau”, pregavam o fim dos tempos e prescreviam uma vida isolada do mundo, constituindo-se em comunidades de eleitos, santos onde tudo seria partilhado e todos deveriam realizar um novo batismo, um batismo de adultos.

Convém lembrarmos que o Anabatismo primitivo surgiu em Zurique, sua principal liderança foi Zuínglio (1484-1531). O caminho trilhado por eles, vinha de Agostinho e chegava, paulatinamente, às temáticas centrais do Evangelho, mas diferia do pensamento de Lutero. Ele não era dado a grandes abstrações. O que lhe interessava eram as reformas práticas, como, eliminação da missa, das imagens dos santos e facultou o matrimônio dos sacerdotes. Mas nele também encontramos elementos da teologia de Lutero. Ele pretendeu purificar a linguagem pela qual era transmitida a palavra eterna. Pretendia desembaraçar a Escritura de suas imperfeições e apresentá-la sob uma nova luz. Fazendo isso, contribuiu com a Reforma (DELUMEAU, 1989).

Praticamente todas as tendências da Reforma têm traços humanistas. Não há nenhuma orientação que tenha rompido com o Humanismo, nem mesmo Lutero. Há, sim, delimitações frente a determinadas tendências (DREHER, 2002, p.12).

Podemos afirmar que os dois séculos que precederam a Reforma protestante foram um período em que a Europa assistiu a profundas transformações em todos os setores da atividade humana. Transformações que alteraram significativamente a maneira de encarar a existência e de distribuir as tarefas e os prazeres da vida cotidiana. A mente ativa do homem estava empenhada em uma vasta renovação de idéias e instituições. Isso tudo foi provocado pelas grandes descobertas e invenções que caracterizaram o período anterior ao século XVI. O conhecimento humano sobre o mundo foi ampliado devido às grandes explorações que

ampliaram os limites geográficos<sup>16</sup>. Com tantos acontecimentos, o homem viu renascer a sua imaginação e começou a suspeitar de seus conhecimentos, informações e afirmativas dogmáticas. “O cerco fechado do medievalismo que limitava a inteligência humana estava se rompendo e uma nova civilização emergiria” (EBY, 1978, p.11).

A invenção da imprensa incrementou o suprimento de livros e panfletos e provocou um profundo despertar mental. A Alemanha e a Suíça tornaram-se os mais ativos centros de publicação. Na Alemanha, livros de piedade e as Escrituras eram as principais obras divulgadas entre o povo, sequioso por conhecimento. Era a inauguração de uma nova era e o homem do período medieval que até então, vivia como num terreno cercado de altas muralhas, dentro das quais o povo se movimentava por caminhos conhecidos e sempre os mesmos, agora, o espírito capitalista começava a alcançar uma posição preponderante no espírito dos homens. Destaca-se uma redefinição das relações produtivas, pois os homens descobriram que, para explorar essas novas relações em toda a sua plenitude, não podiam usar as instituições nem as idéias que tinham herdado no final do século XV (LASKI, 1973).

A transição da Idade Média para a Moderna operou, pois, por meio da ação do espírito humano. O homem viu-se a si mesmo como uma pessoa em seu pleno direito, ganhou maior confiança do domínio que lhe era possível exercer sobre a vida, e começou a viver pelo seu próprio poder interior. Lutero, portanto, é fruto desse momento histórico em que os homens faziam respeitar, um conjunto de regras para a vida econômica, das quais o princípio central era a consideração do bem-estar social no contexto da salvação na outra vida. A essa consideração estavam preparados para sacrificar o interesse econômico do indivíduo com o fundamento de que, assim fazendo, estariam garantindo o seu destino celestial.

A ênfase dada à transição da Idade Média para a Moderna deu-se pelo fato de que a Reforma da Igreja do século XVI estava situada nesse momento histórico, e as mesmas forças históricas que geraram o desenvolvimento da consciência dos homens, contribuíram para que uma nova ordem se estabelecesse e as mudanças se realizassem. Para Dunstan (1964, p.14), “o homem move-se, mas, ao mesmo tempo, ele pode determinar essa história”.

---

<sup>16</sup> Com as novas descobertas marítimas se possibilitou a conquista de novos horizontes, novos mercados e nova cultura. Já não se vivia num mundo fechado de dogmas e idéias (DUNSTAN, 1964, p.58).

Esse mesmo renascimento do espírito humano foi a força motriz no Protestantismo. Existiam certas condições que agitavam os homens, suscitando dúvidas. A Igreja, que fora o guia da consciência dos homens e a protetora da paz dos espíritos atingira uma época de calamidade moral. Os líderes eclesiásticos, a corte papal devotava-se a seus próprios interesses, como resultado, intensificava-se o egoísmo, o amor à luxúria, ao nepotismo, a simonia e a imoralidade haviam-se constituído como marcas visíveis da Igreja. Mas o que gerou a cisão da cristandade ocidental, conhecido acontecimento denominado de Reforma da Igreja, foi o surgimento dessa nova sociedade econômica, social, política que permitiu ou possibilitou que os valores religiosos se dispusessem numa escala de valores, perdendo, assim, a primazia sobre a vida dos homens daquele momento histórico (LASKI, 1973).

Não é nosso objetivo fazer um juízo de valor, sócio-político ou religioso do conteúdo da Reforma, no entanto, pode-se apontar a Reforma como consequência histórica necessária. Julgamos procedente trazer os argumentos que explicitam o ponto de vista de Max Weber, como:

Inúmeras circunstâncias históricas, que não somente independem de toda a lei econômica, como também não mantém relação alguma com qualquer ponto de vista econômico, principalmente circunstâncias puramente políticas, tiveram que contribuir para que as novas Igrejas pudessem, pelo menos sobreviver. [...] Dentro do possível, esclarece-se ao mesmo tempo a maneira e a direção na qual, em virtude de suas correlações, o movimento religioso agiu sobre o desenvolvimento da cultura material. Só então, se poderá avaliar em que medida os fenômenos culturais contemporâneos se originam historicamente em motivos religiosos, e em que medida podem ser relacionados a eles (WEBER, 1987, p.61-62).

Apontamos ainda para o fato de que na Idade Média a Igreja assumiu a função de cristianizar os povos germânicos, mas também de transmitir-lhes e preservar a cultura do mundo antigo. Assim, a Igreja colocou sobre si a responsabilidade pela formação literária, pelo direito, pela tradição política e pela técnica. Com todas essas funções é lógico que o clero tinha que ser o detentor do saber, indo muito além de suas prerrogativas teológicas. Criou-se assim um clericalismo que tinha que ser substituído, considerando a aversão que foi se formando em torno dos abusos de grande parte do clero.

A Reforma de Lutero deve ser vista como uma resposta ao fracasso das tentativas de reformas dos séculos XIV e XV, considerado pelos historiadores como uma época turbulenta, haja vista ter ocorrido o grande Cisma (1378), que dividiu a igreja em duas facções e culminou no século XV, com o concílio de Constança em (1414-1418). A autoridade pontifical ficou debilitada devido ao desenvolvimento das idéias Reformistas, principalmente por um de seus precursores, o inglês Wiclef (1324-1384). Houve, pois, nesse período uma busca sincera de novas situações e abertura para as necessidades do momento. Essa desvinculação do âmbito político da tutela eclesiástica foi libertadora. E na Alemanha, especialmente, haviam sido criadas situações que exigiam uma reforma na igreja (DELUMEAU, 1989).

## 2 DA EDUCAÇÃO

*Não o conseguirão por punhos e armas,  
mas deverão fazê-lo a cabeça e os livros,  
deveremos estudar e conhecer o direito e  
sabedoria de nosso reino secular  
(LUTERO).*

Pensar a educação de hoje enquanto prática social e conceber a escola enquanto instituição responsável pela veiculação do conhecimento posto historicamente, é algo que remete a uma reflexão sobre o contexto em que a sociedade capitalista foi gestada, mais precisamente, no século XVI. Nesse espaço e tempo histórico fizemos um recorte para poder estudar e compreender o fator educacional e pedagógico contidos no pensamento religioso expresso por Lutero em suas obras ou sobre suas ações descritas em diferentes obras por diferentes autores.

Lutero ao se entregar a uma luta em prol da reforma religiosa, por consequência, entregou-se à organização de uma educação forjada em novos princípios, o que possibilitou vislumbrar as bases de uma escola elementar pública e obrigatória, imprimiu ao ensino elementar um caráter nacional e incorporou ao ensino superior os valores da cultura humanista. De certa forma, esse pensador religioso, está relacionado ao nascimento da educação moderna que tem na escola a sua espinha dorsal, uma escola para todas as crianças e para todos os jovens.

No pensamento de Lutero a educação deveria estar a serviço da doutrina religiosa e na sua luta pela Reforma fortaleceu o ideal político e religioso e ampliou o ideário de hegemonia cultural e religiosa na Europa Ocidental, o que mais tarde, culminou com o confronto entre o Catolicismo e o Protestantismo, o que:

[...] obrigou inclusive a Igreja Católica a reordenar sua própria concepção sobre o papel da educação e de como realizá-la para que pudesse também, estar a serviço da manutenção de sua própria hegemonia, estabelecendo, assim, novos ideais e renovando-se por completo, mas mantendo suas

tradições [...] A educação pelo fato de servir à salvação, deve estar ao alcance de todos. E essa talvez seja a maior de todas as contribuições da Reforma à construção da modernidade no Ocidente (ARNAUT DE TOLEDO, 1999, p.130).

É possível entendermos, por meio de estudos feitos sobre a história da educação e da pedagogia, que o século XVI se constituiu em um período permeado pelos acontecimentos do humanismo e da Reforma (LUZURIAGA, 2001). Dentre esses acontecimentos destaca-se a educação proposta pela Reforma: a leitura da Bíblia e, portanto, a necessidade de ensinar todos a ler. Pode-se afirmar que surge daí um princípio universal para a conduta da vida e de direção da sociedade.

Nesse contexto, convém lembrarmos que essa educação sempre esteve voltada ao aspecto religioso dogmático e piedoso, mas que obteve o incremento e a intervenção do Estado na formulação de uma legislação escolar (popular) mais ampla e compreensiva, possibilitou a introdução de novas idéias filosóficas e se constituiu em um espaço valioso para o nascimento da nova *didática* no seio da pedagogia religiosa.

## **2.1 EDUCAÇÃO E RELIGIÃO**

Os estudos feitos sobre Lutero nos mostram que o conceito de educação, embora não expresso claramente, está subjacente a todos os seus discursos. Os embates ideológicos, entendemos, traduzem uma pedagogia: o aprender e o ensinar são constituídos pela mesma ordem natural das coisas, ou seja, “as relações humanas fazem parte do mesmo contexto do preparo da terra para a germinação e o desenvolvimento de uma planta. Para isso, a razão humana passa a ser o elo articulador entre Deus e o cumprimento das tarefas terrenas” (VIDONI, 1972, p.36).

Essa educação, enquanto subsidiária da igreja e da família, as quais são responsáveis pelo processo pedagógico, do aprender e ensinar a ser bons cristãos, um saber que pode ser oportunizado por meio da aprendizagem do ler e escrever, a educação religiosa, nesse momento, também se constituía em um instrumento poderoso de formação. Essa pedagogia, que a princípio tinha uma função especificamente voltada à família e a igreja, aos poucos foi

ganhando espaço e tornou-se uma necessidade para a sociedade moderna. Essa educação passou a ser veiculada, mais tarde, como uma exigência da própria cultura, e desenvolver as capacidades produtivas e a participação das massas na vida política que exigiam esse processo de desenvolvimento pessoal (MANACORDA, 1989).

Ao tratar o tema, educação e religião, é fundamental considerar o conceito de Educar, em um sentido mais amplo do que simplesmente escolar. Para explicitar melhor o termo, buscamos algumas definições sobre educação em diferentes fontes. Segundo Ferreira (1986, p.499), o verbete educação tem sua origem do latim *educatione* e possui os seguintes significados: “ato ou efeito de educar (se). Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual”.

A educação compreendida por meio das teorias pedagógicas fundamentadas por várias inspirações religiosas, acentua a importância do ser humano em sua individualidade e sociabilidade, isto é, valoriza e respeita o homem enquanto único, mas também lhe possibilita uma vida sociável para daí aprender os valores sócio-morais e o respeito pelas diferenças de sua época.

A educação é a arte de formar a personalidade humana. Etimologicamente supõe a idéia de extrair o que está oculto para a luz do dia. A educação se estabelece por meio da relação educador-educando e onde se deparam os fatores físicos, morais, espirituais e religiosos que se distribuem no processo, gradativo da aquisição dos hábitos da cultura (SCHLESINGER, 1995, p.499).

A partir dessas questões, compreendemos que a evolução da educação na perspectiva da religião inclui não só os elementos intelectuais, mas também o cultivo das atividades morais e dos valores espirituais que constituem a realidade mais nobre e profunda do ser humano. Para Lutero, segundo Buss (1990), a idéia de educar também consiste em transformação. Só que, esta transformação objetivada pela educação vai além dos conceitos, atitudes e ações. É uma transformação interior, da própria alma do educando. Portanto, o instrumento dessa transformação é o centro da fé cristã: evocar o bem do próximo e a glória de Deus como uma forma de promover o desenvolvimento da paz na sociedade e conduzir o homem à eternidade.

Podemos reafirmar que Lutero não desvincula a religião da educação. Ambas devem caminhar juntas para que exista a verdadeira transformação e libertação<sup>17</sup>. Como também, compreende instruir-se na participação diária, no convívio salutar da família, no diálogo e respeito ao próximo, na obediência às leis, pois o conhecimento, a instrução está em Jesus Cristo. Ele é a essência do conhecimento e do ensino, quem ensina é realmente o Espírito Santo, portanto o professor é o orientador, o colaborador do processo educativo.

Nesse contexto, religião e educação foram tomadas como estratégia de luta pela hegemonia da cultura religiosa da época., pois se a educação se constituía em um instrumento de salvação, ao mesmo tempo, por meio de novos ideais, ou seja, os ideais da salvação, segundo Vidoni (1972), tornou-se uma força política poderosa na Alemanha, a ponto de a partir de 1524 se multiplicarem as escolas em Magdeburgo, Eisleben. “existe multiforme proveito e fruto em ler e executar todos os dias o conhecimento de Deus, visto que o Espírito Santo está presente com esse ler, recitar e meditar, e concede luz e devoção” (**Prefácio ao Catecismo Maior**, p.388).

Lutero entendia a escola como o centro da formação do homem, mas impelia a família, a igreja e a sociedade a serem co-responsáveis pela educação da juventude. Para que existissem homens preparados era necessário que fosse ensinado o Evangelho (ALTMANN, 1994). Esse modelo de educação instituído por Lutero, no século XVI, visava atender às novas aspirações para uma sociedade cristã, empreendida pelos Reformadores. O objetivo dessa educação era transmitir e formar nas novas gerações um novo pensar religioso, calcado nas verdades bíblicas.

É pela concepção teológica que são explicados os princípios educacionais de Lutero. Segundo Arnaut de Toledo (1999, p.125) “seus escritos sobre a educação só podem ser compreendidos à luz de sua concepção religiosa”, a educação, tem para Lutero, um caráter messiânico, dela dependendo a salvação de todos, fornecendo pastores pregadores para o estabelecimento do ministério espiritual de Deus na Terra, bem como, depende também toda a sociedade quando prepara juristas, governantes e sábios para o livre exercício do regime secular.

---

<sup>17</sup> Ao proclamar o sacerdócio universal de todos os cristãos, o livre-exame às Escrituras e o fim de certas regras disciplinares da Igreja como o celibato dos padres, o cristão reformado vive a liberdade de consciência frente ao cativo do medo do juízo final (DANIEL-ROPS, 1996, p.290).

Na perspectiva de indissociabilidade entre educação e religião, Lutero, concebia a Bíblia como a única autoridade na Igreja. Para ele, tudo o mais deveria ser deduzido dessa autoridade e só teria validade se estivesse em concordância com ela. O Evangelho não devia ser visto como um conjunto de letras mortas que compõem o livro de Deus, mas era a palavra viva que devia ser dirigida aos cristãos para servir de alimento espiritual para manutenção da fé. Mas como fazê-la chegar aos cristãos? Para anunciar e proclamar a palavra de Deus o pregador devia conferir credibilidade à mensagem divina pela demonstração do conhecimento de que dispunha. Para isso, Lutero propôs um jeito novo de ensinar os cristãos, instrumentalizando-os para a leitura da Bíblia, por meio do acesso à escola, isto é, de uma instrução básica para todos, e, com muita disciplina nos estudos, fazendo disso um processo educacional permanente (**Catecismo Menor**, p.315).

Para que os ideais da Reforma e as mudanças em curso se concretizassem era preciso adotar uma pedagogia, como meio de se estabelecer novos caminhos, especialmente, para a juventude, mas também ao povo inculto. Para atingir tais propósitos, Lutero priorizou o ensino religioso nas escolas, como uma base verdadeiramente cristã, calcada nos princípios cristãos, na ordem social, logo, no cumprimento dos deveres seculares, na lei. “Lutero colocou o ensino religioso em primeiro lugar, na escola, unido ao canto, porém recomenda as ciências matemáticas e naturais e a ginástica (jogos)” (GAL, 1968, p.74).

A partir daí, o acesso à alfabetização se constituiu em uma necessidade para a sociedade que emergia na Idade Moderna. Segundo Lienhard (1998), a publicação do Novo Testamento em língua alemã em 1522, confirmava a tese da contribuição de Lutero à educação, pois essa publicação refletia a preocupação didática de oferecer ao povo, os textos que fundamentavam as exigências e medidas da Reforma.

Mesmo se não existisse a alma e não fossem necessárias a escola e as línguas para conhecer a escritura divina, todavia, para instituir escolas de ótima qualidade, para meninos e meninas, tratará só esta razão: que o mundo, para conservar exteriormente sua condição terrena, precisa de homens e de mulheres instruídos e capazes (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.318).

Lutero não foi apenas homem de seu tempo, foi alguém que acreditou na orientação divina de sua vida, de tal maneira que tomou para si a capacidade de erigir e consolidar o seu modo de

ver religioso como uma concessão que lhe fora feita por Deus. Apreendeu o verdadeiro espírito de sua época e acreditou ser esse o resultado autêntico de suas relações com Deus. Segundo García-Villoslada (1976, p.15), “Lutero tinha consciência profética. Uma íntima certeza de ser um eleito por Deus para anunciar um Evangelho novo, desconhecido até então”. Entretanto, aproveitou bem as oportunidades do momento e a imprensa teve importante papel na pregação e difusão da mensagem luterana. “E a mensagem de Lutero espalhou-se rapidamente, através dos escritos e da pregação: pode-se qualificar a Reforma como filha da imprensa” (LIENHARD, 1998, p.95).

Lutero tinha consciência histórica do novo movimento e sabia que precisava chegar até o povo (LARROYO, 1982). Esse mesmo povo que estivera excluído do processo educacional religioso, até então. Na Idade Média, a igreja dominava vários setores da sociedade e possuía grande poder além de domina o pensamento e a cultura. Mas a educação era privilégio para poucos, pensavam que a instrução seria boa para os eclesiásticos, mas desnecessária para os demais; enquanto que, para Lutero, a educação capacitaria os homens para exercerem cristamente os seus cargos e cumprir os deveres do mundo temporal. Quanto às mulheres, seriam úteis na administração da casa e na educação dos filhos. Pode-se dizer que o pensamento de Lutero, expresso em suas produções literárias, constituiu-se em instrumento de educação. Não de educação institucionalizada, mas de uma educação voltada aos valores éticos, morais e, principalmente, religiosos. “Para Lutero o cristão deve buscar a virtude, cuja fonte, encontra-se nas Escrituras” (GARCÍA-VILLOSLADA, 1976, p.13).

O movimento desencadeado por Lutero precisava chegar até o povo para difundir a mensagem religiosa. Para isso, desde o começo, a linha básica de seu trabalho exegético foi de captar a peculiaridade da forma de falar e pensar do povo da época para possibilitar o acesso aos ensinamentos da Bíblia. Ao contrário da linguagem tradicional da teologia escolástica, moldada pela filosofia aristotélica. Seu interesse estava exatamente em abrir as Escrituras Sagradas para a compreensão do povo. Isso demandava abrir escolas para instruir no estudo das línguas: grego, latim, hebraico e o vernáculo, só assim os cristãos estariam aptos a compreender a palavra divina pelo conhecimento da Bíblia.

Ninguém sabia por que Deus havia restaurado as línguas. Só agora se percebe que o fez por causa do evangelho que pretendia revelar, para, por

meio dele, desmascarar e destruir o reino do Anticristo. Portanto, assim como pregamos o evangelho, vamos nos empenhar pelas línguas (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.317).

Em seus textos Lutero valorizou o estudo das línguas clássicas, afirmava que era indispensável àqueles que precisavam explicar as Escrituras porque era a base de traduções que o cristão ou o simples pregador poderia ter para conhecer a Cristo, viver de maneira cristã e ensinar aos outros. No entanto, para interpretar e discutir as Escrituras e combater deturpações era preciso dominar as línguas e com esses conhecimentos a Escritura deixaria de ser um livro obscuro e difícil:

Ainda que a fé e o evangelho possam ser anunciados por simples pregadores sem as línguas, a pregação será fraca e sem vigor, e finalmente o povo se cansa e fica farto, e a pregação cai por terra. Onde, porém, se usam as línguas, a pregação será original e vigorosa, a Escritura será tratada a fundo, e a fé renovada por palavras e obras sempre diferentes (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.316).

A leitura que fazemos de Lutero leva a reafirmar seu importante contributo à Educação; ele que foi um teólogo reconhecido e sempre esteve preocupado com a educação elementar do povo, pois esse era o meio para se chegar à leitura do Evangelho. “A nova teologia Evangélica assumiu para si um mínimo nível de educação na comunidade” (WITTE, 2002, p.257). No que diz respeito ao processo de instrução, Lutero se afastou um pouco das idéias dominantes, colocou os valores religiosos, como questão central do sistema. Pregava estudo intenso, mas liberdade para aprender. Não admitia a rigidez dos conventos. Achava que a juventude necessitava de prazer e de recreio como de comer e de beber; sua saúde seria, assim, mais firme e mais vigorosa.

Devemos permitir aos jovens ver, ouvir e saber o que se passa pelo mundo, embora se lhes ensinem certas disciplinas e o respeito pessoal. A rigidez conventual nunca produziu qualquer fruto bom. É excelente para o jovem freqüentar a sociedade, porém deve estar educado para adquirir os princípios de integridade e da virtude para fugir da contaminação do vício (**À Nobreza Cristã...**, p.277).

Contrariando alguns historiadores religiosos como Daniel-Rops (1996), Altmann (1994) e outros que consideraram o Reformador um educador, por excelência, permitimo-nos considerá-lo um teólogo que realmente valorizou a educação, até porque, para Lutero esta

estava vinculada ao mundo cristão, à formação de homens virtuosos na fé, na obediência a Deus e às autoridades civis, que expressavam um mandato divino. “Às autoridades foram confiados bens, a honra, o corpo e a vida de toda a cidade. A eles cabe a tarefa de formação de bons cidadãos para a sociedade” (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.318).

Lutero defendeu a importância da instrução e a validade da cultura para penetrar a verdade das Escrituras. “A ignorância é a maior adversária da fé, por isso deve ser combatida” (CAMBI, 1999, p.250), mediante uma reforma das escolas. A partir dessa nova pedagogia, a Reforma propôs como seu fundamento um contato mais estreito e pessoal entre o povo e as escrituras e, por conseguinte, valorizava uma religiosidade interior e o princípio do livre exame do texto sagrado.

Entretanto, a necessidade de contato entre o crente e o texto bíblico requeria a posse dos instrumentos elementares da cultura, em particular a capacidade de leitura e, de maneira mais geral, a necessidade de difundir essa posse ao povo, por meio de instituições escolares públicas mantidas às expensas do poder público. Podemos dizer que com o protestantismo: “Afirma-se em pedagogia o princípio do direito-dever de todo o cidadão em relação ao estudo, pelo menos no seu grau elementar, e o princípio da obrigação e da gratuidade da instrução” (CAMBI, 1999, p.248). Portanto, a instrução era uma obrigação para o cidadão e um dever para os administradores das cidades.

Percebe-se que Lutero apresenta a educação numa perspectiva da fé. Na concepção educacional de Lutero, a educação tinha um caráter salvífico, de redenção da humanidade, um instrumento de correção das mazelas humanas. Pela educação os homens conheceriam a palavra de Deus, cresciam na fé e se converteriam em bons cidadãos para Deus e para o mundo. “Para Lutero o acento é colocado especialmente na utilidade social da instrução, destinada a formar homens capazes de governar o Estado e mulheres capazes de dirigir a casa” (MANACORDA, 1989, p.197).

Essa mesma instrução para o povo, já vinha sendo almejada por muitos, desde o crepúsculo do século XV, quando muitos humanistas vinham lembrando e fortalecendo a liberdade individual, com sua visão histórica da antigüidade e seu espírito crítico. Impelidos pela

imprensa e apoiados pelas universidades, eram partidários de uma reforma nas escolas. Segundo Daniel-Rops (1996, p.282), “o estudo dos antigos deveria, sobretudo, ajudar a compreender melhor as Sagradas Escrituras”. Acreditavam que com esses estudos poderiam melhorar os conhecimentos cristãos, isto é, a educação era o caminho a ser percorrido pela Reforma.

A Reforma da igreja sempre esteve associada à reforma educacional, pois a instrução sempre esteve a serviço da crença revelada e o saber ao amparo da fé, isso foi chamado teísmo pedagógico. Lutero herdou dos humanistas esse pensamento e procurou colocá-lo em prática. Para isso contou com a importante contribuição da imprensa, que foi providencial para a divulgação das idéias Reformadoras. Era pois, a primeira vez na história que se operava uma aliança entre o material impresso e um movimento popular. Até então, os escritos tinham sido reservado às elites, porém com essa aliança, iriam mobilizar multidões. Até porque, não só os escritos motivaram as pessoas, mas também os pregadores impeliam à credibilidade de suas mensagens e os panfletos não eram lidos, mas proclamados para ouvintes atentos à boa nova (LARROYO, 1982).

Entre os textos impressos, os de Lutero ocupavam o lugar principal e a difusão foi notável. Enquanto Lutero estava vivo, publicaram-se mais de trezentas edições de sua tradução do Novo Testamento. Sob muitos aspectos, o livro desempenhou um papel decisivo no êxito da Reforma. Mas o que é verdade é que, graças à qualidade literária de seu estilo, claro e vigoroso, que a língua alemã considerava um de seus modelos, Lutero fez penetrar o livro sagrado em toda a parte. “Na minha tradução pus todo o meu zelo em empregar em alemão puro e claro” (**Uma Prédica...**, p.337).

Mas, se o papel da imprensa foi importante, parece-nos que o novo método adotado na pregação também contribuiu muito. O êxito da Reforma foi resultado também de uma nova maneira de pregar. A metodologia usada fez a diferença para o conhecimento das verdades da fé. Logo, a educação escolar teve importância e valorização, ainda que fosse uma instrução primária para o povo, em geral, pois somente por intermédio de leituras e muito estudo, o cristão estaria apto para ler e entender a palavra de Deus, sem a mediação do sacerdote. Em Lutero a criação e manutenção das escolas deveriam ser uma missão ligada à economia de

salvação e que as autoridades deveriam construir e garantir o funcionamento das escolas, pois é agradável a Deus e desagradada ao demônio.

Temos que ressaltar que o papel dos pregadores foi decisivo. Muitos deles atingiram verdadeiras multidões. Na maioria das vezes, tratava-se de ex-monges que, tendo saído de seus conventos, encontraram espaço na atuação como pregador. A Reforma pode ser definida como a emergência de uma nova pregação e, por conseguinte, de uma nova educação religiosa. No entanto, as bases materiais para a consolidação da Reforma foram as transformações sociais em curso naquele momento histórico (LIENHARD, 1998).

Ao apresentar o importante papel desempenhado por Lutero na divulgação do Evangelho, por meio de literatura específica não se deve ocultar a atividade de outros Reformadores que também publicaram seus escritos, com grande aceitação. Zuínglio (1484-1531), publicou o seu primeiro escrito em abril de 1522, **Da justiça divina e da justiça humana**; Bucer em 1523, escreveu **Apologias cristãs** e panfletos favoráveis a Lutero<sup>18</sup>. Constata-se que Lutero não era uma voz isolada; estes e outros autores ao ratificarem a posição política revolucionária do monge, de certa forma, contribuíram para a efetivação da mensagem luterana.

Ao ressaltar o papel dos escritos na difusão da mensagem luterana é bom lembrar também do impacto das ilustrações nesse período da Reforma. Elas valorizaram a literatura panfletária, além de facilitar o entendimento de textos. Essas ilustrações continham elementos muito significativos que atraíam o interesse do povo ao inserir figuras diversas de animais, numa referência às fábulas. A arte permitia, assim, reforçar o efeito polêmico da mensagem da fé reformada.

---

<sup>18</sup> Zuínglio (1484-1531) nasceu em Wildhaus, na região de Toggenburgo. Estudou em Viena e Basiléia, onde recebeu formação humanista bastante ampla. Em 1518 assumiu a catedral de Zurique como sacerdote a partir daí deu-se início a atividade reformatória. Leu todos os escritos de Lutero, mas jamais se considerou seu discípulo (DREHER, 2002, p.62-63). Martin Bucer. Reformador dominicano, de Alsácia, viria a ser o reformador de Estrasburgo. Foi um dos artífices do acordo entre Protestantes conhecido pelo nome de Concórdia de Wittenberg e aceitou a fórmula: o verdadeiro sangue de Cristo são mostrados e tomados com o pão e o vinho. Morreu em 1551, em Cambrige (DELUMEAU, 1989, p.111).

Nesse particular, invoquemos a contribuição, entre outros, de Lucas Cranach (1472-1553), o qual teve lugar de destaque na arte do desenho e da caricatura. Criou imagens terríveis vinculando o papado ao diabo.

[...] Em 1521, Lucas Cranach, instigado por Lutero, ilustrou artisticamente um folheto que levava por título **A paixão de Cristo e o Anticristo**, que continha vinte e seis figuras contrapostas, treze eram cenas da vida de Cristo e outras treze do papa, o anticristo, com textos injuriosos para o papado (GARCÍA-VILLOSLADA, 1976, p.37)

Lutero, também, utilizava a xilografia, a arte da gravação em madeira, como freqüente meio polêmico e satírico, de grande apelo persuasivo, junto ao povo ignorante. Uma das caricaturas, largamente explorada mostrava o Papa na figura de um burro e os monges como bezerros. Para tais desenhos, Lutero e Melanchthon compunham panfletos explicativos com pormenores, às vezes, grotescos e obscenos, mas que atingiram imenso êxito (GARCÍA-VILLOSLADA, 1976).

Esses recursos didáticos-pedagógicos foram aproveitados, também, pelas escolas propostas pelos Reformadores, onde se destacavam cartazes e fartas reproduções caricaturais, como materiais importantes para transmitir a doutrina luterana. Foi realmente de grande valia para o sucesso do programa de Reforma, haja vista que inovou a metodologia da pregação, ao ilustrar a mensagem provocava o ensinamento bíblico. Lutero, entendeu como necessários, principalmente no início da Reforma, expor com clareza os temas essenciais do movimento deflagrado por ele. Podemos afirmar que essa herança do período da Reforma continua até nossos dias, quando nos livros, especialmente, didáticos, a linguagem visual é um importante meio para traduzir a mensagem e, muitas vezes, faz com que o texto escrito se torne secundário.

São inegáveis os esforços dos Reformadores para empreenderem seus objetivos, haja vista o seu ardor na difusão da palavra sagrada. “A pregação não é somente um discurso sobre Jesus Cristo, mas uma palavra na qual Jesus está presente e pela qual age” (LIENHARD, 1998, p.177). Isso confere uma dimensão peculiar a esse tipo de discurso que foi tão inovador quanto persuasivo para a causa de Lutero. Os cristãos se identificavam com verdades apreoadas e pela forma de pregar dos pastores, que não era contundente, mas clara e

objetiva. Esses pastores Reformados eram homens preparados para exercer o ministério, contrapondo com o despreparo e a falta de ardor religioso do clero tradicional. “Em resumo, chamava-se de sacerdote a pessoa que podia celebrar a missa, embora não soubesse pregar uma única palavra e não passasse de um asno sem instrução. Em geral, esta é uma situação do estado clerical” (**Uma Prédica...**, p.335).

Para compreendermos as ações de Lutero cabe lembrar que ele foi criado e instruído na tradição cristã católica. Sabemos ainda, que viveu atormentado pelo temor do juízo final. Invocava, segundo Febvre (1994, p.37), “o Deus da piedade e da misericórdia e não o guardalivros prodigioso e incorruptível, brandindo a conta de todas as faltas”. Isso também lhe serviu de instrumento para buscar respostas para suas inquietações no estudo persistente da Sagrada Escritura, metodicamente chegou a uma compreensão de Deus, diferente da que possuía a Igreja naquele tempo e concluiu que Deus é justo, sim, mas antes e acima de tudo generoso. Essa concepção de Deus como puro amor, amor ativo, que ama, nunca deixa de amar os seres humanos e as criaturas determinam a sua concepção de ser humano e de que sua relação com Deus se salva pela fé. Este entendimento só foi possível, graças a constante estudo da Bíblia, especialmente, as cartas Paulinas (DELUMEAU, 1989).

A partir dessa concepção é possível inferir que, para Lutero, a salvação se justificava pela fé e o amor de Deus era gratuito e, que caberia viver desse amor e reparti-lo ao mundo servindo a Deus e ao próximo. A pessoa não vivia somente para si mesma no corpo mortal, para operar nele, mas também para todas as pessoas na Terra. Para isso sujeitava seu corpo para servir a outro, com mais sinceridade e liberdade. Segundo Witte (2002, p.101).

[...] os cristãos devem participar ativamente nessas instituições e atividades humanas, para atestar sua origem e função naturais e para usar a vontade e a razão humanas, não importando quão imperfeita sejam, para fazer tanto bem e obter tanto entendimento quanto possíveis.

Nessa perspectiva, a educação preconizada pelo Reformador, estava em possibilitar ao próximo uma vida melhor. A educação era um projeto de Deus para a humanidade. Assim, os pais e as autoridades que trabalhavam em prol da educação estariam cooperando com Deus, no governo espiritual do mundo.

Se, pelo contrário, a salvação estivesse condicionada a obras, a vida poderia exaurir-se em cumpri-las. Para Lutero, viver da generosidade do Deus-amor resultaria em ser generoso como Ele e se poderia doar aos irmãos e, que viver em função das obras não teria que se preocupar senão consigo mesmos, descaracterizando a vida cristã de união, amor a Deus e ao próximo. A concepção de Lutero diferia da teologia católica que ele combatia, ou seja, de que Deus conferia ao ser humano que cooperava, que praticava boas obras, uma qualidade de justiça, enquanto esse Reformador defendia a tese de que Deus justificava o injusto de modo incondicional e o faria igualmente justo no plano da vida, pela fé (LIENHARD, 1998).

Com esse princípio Lutero conduziu sua doutrina e sua pregação. Sob a ótica de Lutero a educação tinha por princípio introduzir as crianças e jovens na relação de amor de Deus, de forma que todos tivessem acesso à instrução e por meio dela pudessem conhecer e viver o Evangelho. A pregação da mensagem evangélica era mais importante do que o papel do pregador, segundo ele, ainda que este tenha que conhecer profundamente a palavra de Deus para oferecer de fato, um testemunho verdadeiro. Para isso a educação tinha como função qualificar os homens como cooperadores de Deus, tanto na sociedade como na Igreja (BECK, 1996).

Para Lutero, tanto o governo civil quanto a Igreja, são imprescindíveis, pois sem eles, nem o comércio existiria, e ainda mostra que:

Mandar uma criança à escola é encaminhá-la para Deus [...] uma coisa é certa: quando se ajuda, estimula e encoraja crianças a irem a escola e ainda quando se contribui para tanto com dinheiro e conselho para que isso se torne possível, isso se chama, sem duvida, ter levado e encaminhado os filhos a Cristo [...] E tu podes participar de tudo isso, investindo teu dinheiro de modo excelente. Não te deverias sentir lisonjeado e considerar grande honra vendo que teu filho é um anjo no reino e um apóstolo do imperador, além disso uma pedra fundamental e alicerce da paz temporal na terra? [...] E tudo isso na certeza de que o próprio Deus o vê assim e que assim é de fato? Se bem que ninguém se torna justo ou bem-aventurado perante Deus por meio dessas obras, ainda assim é um alegre consolo saber que tais obras agradam tanto a Deus (**Uma Prédica...**, p.349).

Constatamos que o interesse e objetivo educacional de Lutero estavam centrados na dignidade do homem e nos direitos e deveres do indivíduo dentro da sociedade. Entendemos, também, que para Lutero, a educação e o indivíduo se encontram na vida em sociedade. Por isso,

Lutero ao conceber a educação como algo integrante da vida religiosa, na qual todos os cristãos deveriam se empenhar como forma de servir a Deus e ao próximo toma-a como uma estratégia de luta pela hegemonia da cultura religiosa do século XVI.

## 2.2 O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE LUTERO

O que marca o pensamento de Lutero, sem dúvida, é o embate travado, em condições históricas determinadas, com a sociedade de seu tempo. Essa se caracterizou como mundo cristão em que a religião conferia sustentação e sentido à vida e, sob a égide do cristianismo, representava o elo universal entre os povos. Porém, a doutrina cristã romana, nesse contexto, embasada na filosofia Escolástica, já não dava conta de atender aos anseios desse tempo e o povo, ao buscar resolver seus conflitos religiosos, ficava à mercê de suas dúvidas, se mostrava presa fácil para adesão às novas doutrinas e crenças reformadas ou pagãs que proliferavam nesse período do século XVI<sup>19</sup>.

Lutero emergiu no momento em que a Idade Média já se apresentava moribunda e a aurora vislumbrava com esplêndido vigor para um novo tempo. Um aparente desejo de reformas nascia entre os homens desse período e o mundo religioso é apenas o reflexo do mundo real.

Os embates interiores de Lutero foram os de seu tempo [...] É inconcebível que tenha conseguido provocar um eco tão grande nas massas se não houvesse exprimido os sentimentos subjacentes e inconscientes de um grande número de pessoas e não lhes tivesse trazido uma solução aceitável em seus problemas religiosos (PIERRARD, 1982, p.256).

Ao se tomar como referência a teoria marxista, de que as circunstâncias fazem mudar os homens, pode-se entender melhor o sucesso da doutrina e dos ideais de Lutero, pois eles não correspondiam somente às suas aspirações, mas também às de um grande número de fiéis e representavam, portanto, a força e o alento que os cristãos buscavam para vencer o medo da morte, a ignorância sobre o Evangelho e toda sorte de superstições que os inquietavam.

---

<sup>19</sup> Nesse período as superstições pululavam, enraizadas no húmus profundo do velho paganismo germânico. O baixo povo revelava uma ignorância assustadora acerca das verdades cristãs mais elementares. Os feiticeiros encontravam a cada passo e o povo cada vez mais se afastava do ideal evangélico (DANIEL-ROPS, 1996, p.284).

Assim, a Igreja, que nesse período se constituía em intermediária e intérprete autorizada entre Deus e o homem, representante legítima do poder espiritual e temporal sentiu-se ameaçada por uma nova ordem, na qual Lutero ocupava, pois, um lugar na conexão do novo e do velho. Portanto Lutero atendeu a emergência de um novo tempo.

O aspecto de transição marca o seu tempo, em todos os aspectos: culturais, sociais, políticos, econômicos e religiosos. O sistema medieval estava chegando ao fim. Uma nova época estava em gestação e tudo se encontrava em crise (ALTMANN, 1994, p.29).

Digamos que esse personagem da história da igreja, Lutero, apesar de suas próprias limitações, de suas contradições e de seus condenáveis excessos<sup>20</sup>, provocados pelos embates com seus opositores, deu importante contribuição para que uma nova ordem se estabelecesse no mundo da fé e, conseqüentemente, na formação de uma sociedade que precisava saber ler para poder ampliar seu vínculo com Deus. Ao priorizar uma educação básica para todos possibilitou ao povo o conhecimento às verdades bíblicas, conforme acreditava, dando a cada um os meios de salvar-se pela instrução religiosa.

A Reforma, pois, colocou a instrução a serviço da crença revelada; o saber, ao amparo da fé. Tal atitude se chamou teísmo pedagógico, visto como via nas relações com Deus e sua revelação (a Bíblia) o propósito final do processo educativo (LARROYO, 1982, p.373).

Emergia daí a necessidade de uma educação geral para todos, sem distinção de idade, classe social, raça e sexo, pois entendia, Lutero, que a educação era essencial à sobrevivência e ao bem estar da humanidade. Esse pensamento religioso educacional de Lutero, ainda hoje, cinco séculos passados, continua referenciado por muitos, luteranos e católicos, por sua determinação e coragem. Daí se formar entre os cristãos Reformados o hábito de leitura, a disciplina nos estudos, principalmente, bíblicos. “Os esforços e as propostas de Lutero tiveram uma influência histórica extraordinária na área da educação, tanto no interior da tradição luterana quanto além dela” (ALTMANN, 1994, p.206).

<sup>20</sup> <sup>4</sup> Até os historiadores protestantes não negam certos pontos fracos de Lutero: sua excessiva grosseria – chamaram-no “Rabelais da Alemanha”, suas violências por vezes bem pouco cristãs, mesmo quando dirigidas ao papa, e os desconcertantes aspectos de sua atitude por ocasião da guerra dos camponeses (DELUMEAU, 1989, p.285).

Entendemos que Lutero conquistou parte da cristandade do século XVI, graças a seu incentivo pedagógico e valorização à educação. Os novos cristãos careciam estar aptos, como leitores, para o entendimento da palavra de Deus, o que contribuiu enormemente com a educação de seu tempo e da contemporaneidade. Ao creditar à escola um veículo de transformação religiosa e social, uma vez que era seu objetivo alfabetizar adultos e crianças para a fé cristã. Lutero conclamava os cristãos que: “aquele que conhece a Bíblia, pode se ufanar de conhecer a verdade, porque as línguas são a bainha na qual está guardada a espada do espírito” (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.312).

Em Dreher (2002, p.28), encontramos a afirmação de que a educação preconizada por Lutero tinha como premissa formar um homem obediente às leis civis, que conhecesse as leis divinas, pelo estudo diário da Escritura e que servisse ao próximo pela ética do amor, decorrentes da fé em Cristo, o Salvador. Ao colocar os valores religiosos no centro de seu sistema educacional ele censurava a educação monacal por considerá-la rígida e que privava os jovens do convívio social, onde poderiam ser treinados honradamente para adquirir os princípios de amor cristão, de integridade e virtudes.

Lutero criticou o sistema educacional de escolas mantido pela Igreja e monastérios. Falou contra a estreiteza, o espírito ascético e a rigorosa disciplina dessas instituições. Achava que os monges tratavam seus estudantes como prisioneiros, semelhantes a pássaros presos em escuras gaiolas. Na mente de Lutero, proibir os estudantes de ter contato com o outro criava um ambiente extremamente prejudicial (BORISENKOV, 1998, p.50)

Assim, a escola ia se constituindo como na espinha dorsal dos ideais protestantes. Ela passava a ser o lugar onde se formava o bom cidadão e o bom cristão, primeiramente numa função complementar ou subsidiária à família ou a igreja, mas aos poucos e cada vez mais, como o centro das ações educativas.

Lutero reafirmaria suas posições acrescentando que a escola devia estar relacionada com a igreja, numa clara explicitação de sua teologia política que é a de horizontalização e mundanização da espiritualidade que deve ser, de certa forma, sustentada pelo Estado e conduzida por uma pedagogia religiosa (ARNAUT DE TOLEDO, 1999, p.131).

Assim, à medida que se implantava a Reforma nos territórios e cidades, os líderes fundavam escolas, sempre com o apoio e orientação de Lutero e Melanchthon, em Tübingen, Königsberg, Jena e outras instituições como as de Leipzig, foram reformadas segundo o modelo de Wittenberg. A Reforma levou também à criação de inúmeras escolas populares, escolas para meninas e meninos. Segundo Gal (1968), essas propostas de reformulações das escolas sempre vinham acompanhadas de conselhos úteis e protestos contra a educação demasiada severa, em uma crítica à educação Escolástica.

Para Lienhard (1998, p.207), esse esforço da Reforma introduziu-se, sobretudo, no ensino religioso nas escolas. Em relação ao ensino Medieval, foi posta em prática uma instrução com base essencialmente bíblica. No que dizia respeito às matérias seculares, Lutero não inovou muito das idéias que circulavam por toda parte. Era o programa e o método dos humanistas. Na forma e na organização era a continuação da escola latina da Idade Média. Contudo, apresentou algumas reformas ao propor o ensino de história e a idéia de uma escola municipal para todas as crianças. Segundo Arnaut de Toledo (1999, p.133) “Lutero contribuiu também para que a educação na modernidade, passasse a se voltar para a construção da cidadania e da individualidade”.

Lutero ao contribuir para a reforma educacional, no sentido de formar uma sociedade voltada para os valores ético-morais não o fez na qualidade de pedagogo ou político, mas como teólogo e Reformador religioso. Podemos dizer que suas propostas de reformas sociais foram reflexos da Reforma religiosa.

### **2.3 OS ESCRITOS CHAMADOS PEDAGÓGICOS**

Os estudos desenvolvidos sobre os escritos de Lutero têm nos remetido a refletir sobre as mudanças sociais ao longo dos tempos e constatar que cada uma dessas mudanças está permeada por diferentes valores que são próprios de cada tempo. Especificamente, no caso desta pesquisa, podemos afirmar que as necessidades sociais amparadas por valores éticos, morais, políticos, entre tantos outros, postos pelo século XVI, exigiram mudanças na forma de se pregar o Evangelho. Era necessário buscar na Bíblia um Deus adequado àquele tempo.

Em busca de atender os objetivos postos para aquele espaço e tempo houve uma preocupação em organizar, estruturar e criar meios, por intermédio da escolarização, para que o Evangelho pudesse fluir livremente, para todos, mas com disciplina, ordem e obediência. Nesse contexto, Lutero, por iniciativa própria e motivado pelas deficiências constatadas entre os pregadores, escreveu diferentes documentos, destinados a concretização de um novo modelo de evangelização. Essa nova forma de ensinar os preceitos das Escrituras Sagradas se instituem sem derrubar os conceitos consagrados de um tempo anterior

Com o intuito de continuar explicitando a concepção de educação em Lutero, tomamos como apoio algumas de suas principais obras: **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão (1520)**, **Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs (1524)**, **Os Catecismos Maior e Menor (1529)** e **Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola (1530)**. Nelas encontramos diretrizes que podem confirmar que Lutero, mesmo sendo conhecido como um dos principais teólogos da Reforma da Igreja, do século XVI, foi alguém que deu grande colaboração à educação.

### 2.3.1 À Nobreza Cristã: um Chamamento às Mudanças

O ano de 1520 foi decisivo para Lutero. Nesse ano ele escreveu o manifesto **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**. Nessa obra religiosa expôs uma visão da cristandade e sentiu necessidade de um programa de reformas para a educação, almejando com isso a transformação da Igreja e da sociedade. Entretanto, os doutores de Colônia e de Lovaina censuraram várias proposições extraídas das obras de Lutero, especialmente das noventa e cinco teses, de 1517.

Este, pressionado pela bula *Exsurge Domine* de Leão X, exarada em meados de 1520, a qual era uma espécie de ultimato que concedia a Lutero um prazo dentro do qual deveria revogar suas supostas heresias. Ele, num gesto de ira, queimou a bula e se motivou a escrever os chamados grandes escritos da Reforma. Entre eles está, tratado **Da Liberdade Cristã**, opúsculo dedicado ao papa Leão X. Nele, Lutero resumiu tudo quanto pretendeu afirmar em

assunto de fé, do amor e da liberdade do cristão. Para tanto, afirma: “O cristão é um senhor libérrimo sobre tudo, a ninguém sujeito. O cristão é um servo oficiocíssimo de tudo, a todos sujeito” (**Da Liberdade Cristã**, p.435). **Do Cativo Babilônico da Igreja**, foi redigido em 1520, em latim e dirigido primeiramente aos teólogos. Nele, Lutero teceu críticas à tirania do Papa e admitiu tão somente três sacramentos, o batismo, a penitência e a eucaristia.

A partir da leitura desses escritos é possível afirmar que Lutero não tinha planejado a Reforma, pois essa foi feita de uma necessidade local coletiva que foi tomando corpo junto à sociedade amparada pelos escritos combativos e pela forte pregação social desse religioso.

A Reforma de Lutero não foi um movimento de fanáticos. Espalhou-se, consolidou-se porque expressava, mesmo que ainda nos limites da religião, a contraposição necessária a uma forma de viver que demonstrava ser muito mais negadora da vida do que seu estímulo. A necessidade da Reforma no contexto em que foi produzida toma a forma de religião. A Reforma na religião é a forma que a transformação toma (PIERRARD, 1982, p.111).

O Reformador agiu muitas vezes movido por sentimentos de revolta, impulsionado pelos adversários que não o pouparam de algumas derrotas. Muitas de suas obras surgiram em resposta a esses ataques. Nessas obras apreende-se certa violência espontânea, uma amargura desmedida de uma alma encolerizada pelo desejo repentino de contra-atacar para se defender. A notícia de sua condenação despertou em Lutero sentimentos violentos, mas contraditórios. Experimentou, sem dúvida, uma dor profunda. Mas, ao mesmo tempo, revoltava-se contra o golpe, e a cólera ditava-lhe invectivas. “É preciso que o anticristo desenterre os tesouros como está anunciado” (**À Nobreza Cristã...**, p.291). Assim declarava Lutero guerra contra o papa.

Talvez influenciado ou movido pelo embate, Lutero, preparou como resposta concreta a Roma, o famoso manifesto **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca Melhoria do Estamento Cristão**, escrito em junho e publicado em agosto de 1520. Para ele, a reforma era necessária e, para tanto, deveria se manifestar em primeiro lugar, por uma nova pregação, o que abriria caminho para diversas mudanças. Mas havia a necessidade de ações concretas para que a reforma se materializasse.

Nesse texto, o Reformador apelava à nobreza sobre a urgência de reforma nas escolas e universidades, a fim de melhor preparar os ministros do evangelho para o estudo da Escritura. Aí, Lutero escrevia que o poder espiritual representado pelo Papa, a Cúria e os Bispos se negavam a fazer ou admitir reformas no “corpo cristão”. Apelou, então, aos leigos, ao imperador e aos príncipes para empreenderem reformas, apesar da resistência dos clérigos (**À Nobreza Cristã...**, p.277).

Esse apelo político-pedagógico tinha como base o princípio do sacerdócio universal, tema central dessa obra, a qual causou enorme repercussão na opinião pública alemã ao ponto de, em uma semana ter esgotado a sua primeira edição que alcançou uma tiragem de quatro mil exemplares. No texto, afirmava que os clérigos eram ordenados para veicular a palavra e o sacramento em nome da Igreja Cristã. “As autoridades seculares manejam a espada e a vara a fim de punir os ímpios e proteger os piedosos. Quando o clero relaxa sua função, os leigos precisam exigir e executar reformas, pois são também eles, espirituais e membros do corpo cristão” (**À Nobreza Cristã...**, p.282).

Lutero, portanto, ao esposar as queixas dos alemães contra a cúria romana, apresentou os grandes princípios de sua teologia: o primado da fé, o sacerdócio universal, a autoridade da Escritura. A carta aberta **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**, pode ser dividida em três partes. Na primeira, atacava violentamente a cúria (não a igreja como tal) e as doutrinas sobre as quais se fundamentava. Afirmava que todos os cristãos eram iguais diante de Deus e negava os privilégios até então concedidos à classe dos clérigos e ao próprio papado (LIENHARD, 1998, p.79).

Convém lembrar que Lutero desenvolveu sua doutrina do sacerdócio universal dos crentes num escrito de cunho eminentemente político, ou seja, em **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**, e que essa doutrina requeria o rompimento do monopólio curial de interpretação da Bíblia. Percebemos aí uma pedagogia de valorização do leigo, que se viu chamado à ação e também à responsabilidade pela palavra de Deus, no seu uso correto. Com esse procedimento Lutero conquistava mais adeptos para sua causa e fortalecia o nacionalismo alemão em torno de uma nova doutrina, onde todos seriam eqüitativamente importantes para o Reino de Deus. Segundo ele, “não há mestres da

Escritura, muito menos infalíveis, como se arroga o papa, menos ainda se durante toda a sua vida nada se aprendera” (**À Nobreza Cristã...**, p.286).

São freqüentes as observações de Lutero de que ainda não teria compreendido as Escrituras, pelo menos não em sua totalidade e que uma vida não seria suficiente para nos capacitar plenamente. Isso se constituiu em exemplo de que só com uma educação permanente, seria possível formar hábito de estudar com afinco para gerir o conhecimento. “Durante 12 anos permaneceu, em aula, interpretando o livro de Gênese, em 1517, sempre numa forma livre e original, abordando as questões candentes de sua época, mas permanentemente também em religiosa busca do sentido bíblico real” (ALTMANN, 1994, p.103-104).

A partir desses escritos é possível concluir que Lutero estava convicto de que a Escritura não é clara em muitos sentidos históricos, científicos e outros, tampouco não é clara de forma que fosse possível esgotar seu sentido, justamente porque o seu conteúdo é inesgotável. Confessou, certa vez, nunca ter chegado a conhecer totalmente a Bíblia, porém estava convencido de que uma vez descoberto o centro da Escritura, mudava-se o sentido, tornava-se clara: os atributos divinos já não eram qualidades de um Deus, que ameaça, e amedronta, mas expressão da ação de Deus a favor da libertação humana.

Na segunda parte do texto **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**, o Reformador condenava a exclusividade da autoridade eclesiástica e, principalmente, do papado na interpretação da Bíblia. Para Lutero, a Igreja era uma instituição social que precisava ser preservada da difamação e da ruína. Portanto, cabia ao Imperador e aos nobres alemães o dever de restaurar a integridade desse patrimônio religioso – a Igreja de Cristo ou a fé cristã. Não pensava Lutero, nesse momento, em entregar a Igreja ao Estado ou aos políticos, mas chamá-los à ação para proceder com as Reformas, tendo em vista a omissão da hierarquia eclesiástica. Apontava que os assuntos mais importantes deveriam ser tratados num concílio livre, pois o papa também poderia errar e criticava duramente “o escândalo da pompa e da ganância da Sé Romana, que contrasta com a pobreza de Cristo e dos apóstolos” (**À Nobreza Cristã...**, p.278).

Na terceira parte Lutero apresentava suas propostas de melhoramento da Igreja. Sugeria reformas concretas e, entre elas, a das universidades. Entre as propostas que diziam respeito à educação encontrava-se a abolição dos livros de física, metafísica, tratado da Alma e Ética de Aristóteles, os quais julgava danosos à fé cristã por admitirem felicidade sem Cristo e negarem a ressurreição dos mortos. “Não é que esse homem miserável ensina em seu melhor livro, Tratado da Alma, que a alma seria mortal como corpo?” (**À Nobreza Cristã...**, p.329).

Contudo, ele afirmava que apreciaria que os livros de Lógica e de Retórica do mesmo autor, em edições não comentadas podiam mantidos ou até resumidos, recomendando sua leitura pelos jovens para que se exercitassem no bom discurso e na pregação. Sugeria, ainda, que se estudasse latim, grego e hebraico, além de matemática e história, mesmo sabendo que esses conhecimentos não ajudariam na formação de pastores, mas certamente, ampliariam a sua visão de mundo e de Deus. Revelariam a história do povo e só através das línguas poderiam ampliar e confrontar o estudo dos evangelhos em várias línguas e sob óticas diferentes. Quanto ao estudo de Pedro Lombardo, Lutero cria que o mesmo deveria ser reservado aos teólogos jovens, enquanto que o estudo aprofundado da Bíblia Sagrada deveria ser tarefa dos doutores. Segundo ele, a leitura e o estudo das Sentenças na ocasião eram muito mais enfatizados que o estudo da própria Bíblia. Sua crítica é severa quando afirma:

Dever-se-iam reduzir também os livros teológicos e selecionar os melhores, pois livros em grande quantidade não tornam a pessoa douta, muita leitura tampouco; mas ler coisas boas e com freqüência por menos que seja, isto é, que forma douto na Escritura e ainda por cima, piedoso (**À Nobreza Cristã...**, p.332).

Para Lutero a lição mais importante e comum nas escolas e universidades deveria ser a Bíblia. Ele acreditava que se isso acontecesse, formar-se-iam pessoas altamente entendidas nas Escrituras, ao contrário da situação reinante, na época, quando até mesmo os eruditos, prelados e bispos não conheciam o Evangelho.

Ao apresentar sua carta **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**, deixou claro seu desejo de que a fé cristã e a Bíblia fossem a base do currículo, bem como sua preocupação de que, se isso não acontecesse, as escolas e

universidades viessem a ser “grandes portões para o inferno.” Para Lutero a escola deve instrumentalizar o cidadão para a fé, só assim se teria uma sociedade cristã e escolarizada.

### 2.3.2 A Educação sob a Tutela das Autoridades Civis

O texto **Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs** foi escrito provavelmente em janeiro de 1524, e impresso em fevereiro. Podemos considerá-lo um clássico da história da educação por constituir-se de um marco para a educação. Nessa obra Lutero exigiu dos administradores locais a manutenção das escolas e a criação de boas bibliotecas, uma idéia inédita e progressista para o período feudal. Estabeleceu, ainda os conteúdos por ordem de prioridade. Dispôs a Bíblia como sendo o centro e o primeiro de todo o conhecimento.

Ainda que não apresente um sistema de educação, pois essa tarefa foi cumprida mais tarde por Felipe Melanchthon, discípulo de Lutero e denominado o Preceptor da Alemanha, o que Lutero fez nessa carta aberta, **Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs**, foi responsabilizar os administradores das cidades alemãs pela manutenção e investimentos na educação da juventude.

Constatamos hoje em todas as partes da Alemanha que as escolas estão em abandono. As Universidades são pouco freqüentadas e os conventos estão em declínio [...] Se trata de uma causa séria e importante, da qual muito depende para Cristo e para o mundo, que ajudemos e aconselhemos a juventude. Isso é a solução, também para nós e para todos, pois o diabo pode ser combatido somente com seriedade cristã. [...] Doravante doe, por agradecimento e para a glória de Deus, parte disso para escola, para educar as pobres crianças, onde está empregado tão bem (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.303 e p.305).

A pregação reformista contra a vida monástica e o clero tinha lançado em crise as escolas religiosas daquela época e Lutero percebeu que o povo não queria mais colocar os filhos e os parentes nos conventos e instituições, e o clero não mais se apresentava como meio de sobrevivência para os jovens. “Por que haverão de estudar se não podem tornar-se padres,

monges e freiras. Que aprendam algum ofício com que possam sustentar-se” (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.304).

Conhecedor dos conflitos gerados por suas novas propostas de reforma e sentindo o caos que se instalara na educação pela falta de perspectiva para os pais que almejavam fazer de seus filhos sacerdotes, monges, como garantia de futuro certo, Lutero chamava atenção para o dever cristão dos pais e cita o quarto mandamento de Deus, expresso no **Catecismo Maior**, que ordena aos filhos a obediência aos pais com tanto rigor que filhos desobedientes devem ser inclusive condenados à morte pelo tribunal. Também obrigava os pais a se responsabilizarem pela educação dos filhos. “Para que vivem os velhos senão para cuidar da juventude, ensiná-la e educá-la?” (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.307).

Lutero conclama os conselhos municipais das cidades como responsáveis pelo bem-estar da sociedade e representantes legítimos de Deus na terra para investirem recursos materiais na educação, preparando a juventude com boas escolas, formando cidadãos instruídos, sábios, que tivessem condições de governarem as nações e serem bons cidadãos dessa forma, o homem instruído contribuiria com o progresso das cidades e, além disso, saberia melhor usar os bens matérias, assim “será de competência do Conselho e das autoridades dedicar o maior cuidado e o máximo empenho à juventude” (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.309).

Esse pensamento educacional religioso do Reformador foi compartilhado por outros contemporâneos que criticaram duramente as instituições da época, sobretudo a Igreja, e almejavam uma cultura popular. Segundo Cambi (1999, p.266), citando Rabelais, “o homem deve ser, sobretudo livre, mas também evangelicamente cristão”<sup>21</sup>. Lutero, portanto não era uma voz isolada, mas apresentava o pensamento cultural de seu tempo, onde a educação religiosa estava integrada à vida cultural e acadêmica, não era algo complementar, mas fundamental para a existência humana. Naquela época a formação cultural encontrava sua referência última na religião. Tanto Lutero quanto Rabelais criticaram a pedagogia do seu tempo, em parte a educação formalista própria da tradição medieval. Ambos propuseram um novo tipo de educação baseado nos estudos da língua, na literatura e na história; como

---

<sup>21</sup> François Rabelais (1493-1553) nasceu em Chinon na França. Instruído em convento franciscano, passando para a ordem dos beneditinos é ordenado padre secular, estudou medicina e exerceu a profissão de médico. Esteve sempre ligado aos humanistas (CAMBI, 1999, p.265).

também do conhecimento científico baseado, sobretudo na observação da realidade (LUZURIAGA, 2001)

Dessa maneira, o manifesto pela criação e manutenção de escolas cristãs expressava enfaticamente que a educação devia ser de responsabilidade das autoridades, já que “a eles foram confiados os bens, a honra e a vida de toda a cidade” (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.323). Portanto eles não agiriam responsabilmente perante Deus e o mundo se não buscassem, com todos os meios, dia e noite, o progresso e a melhoria da cidade.

Esse documento expressava uma ética de solidariedade, onde o serviço coletivo devia ser prioritário e também fundamentava a responsabilidade dos prefeitos e senhores cristãos pela educação pública. Os gastos com a educação seriam justificados já que se gastava tanto em manter a paz, porque não gastar um pouco com escolas, colocando os filhos nas mãos de pessoas bem formadas, disponíveis, em grande número. Conforme Vidoni (1972, p.52) “só com mestres qualificados poderemos manter a paz, o sossego e a segurança temporal, caso contrário todos cairão nas mãos dos maus”.

Compreende-se por meio do apelo de Lutero que se podia aproveitar o momento favorável da cultura, já que a sociedade estaria com pessoas aptas para isso. O Reformador referia-se aos humanistas, homens preparados nas letras, nas pesquisas históricas, pois nesse período a reputação dos novos instruídos docentes estendia-se por toda a Europa. Os Países Baixos, a França e outras nações fundaram escolas de Irmandade da Vida Comum e a eficácia de seu sistema de ensino demonstrada por Tomás de Kempis (1380-1471), autor de **A Imitação de Cristo**, como pelos humanistas célebres que saíram de suas escolas, tais como os pedagogos Rodolfo Agrícola (1442-1495), Sturm (1507-1589) e Erasmo (1466-1536) (LARROYO, 1982).

Lutero sugeria às autoridades um novo currículo para as escolas, onde se privilegiasse as línguas, tão importantes na formação religiosa, pois não bastava aprender a palavra de Deus no vernáculo (na língua materna), mas era preciso aprender as artes liberais e as línguas, e saber latim, hebraico e grego, para instrumentalizar o entendimento e a interpretação das Escrituras, mas também muito ajudaria na condição dos negócios seculares. Lutero afirmava

que um homem instruído traria progresso para a cidade, porque saberia acumular, preservar e usar corretamente todo tipo de bens. Afirmava ainda que por essa razão Roma, antigüidade, progrediu porque havia gente apta para todas as atividades. Já na Alemanha “se fundisse todos os bispos e todos os padres e monges num bolo não se encontraria tanto quanto se encontrava num soldado romano” (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.309).

Lutero recomendou às autoridades que, ao criarem novas escolas, não poupassem esforços, nem recursos para instalarem boas bibliotecas. Assim o aprendizado não se perderia ao vento, uma vez que a escrita permanece de geração a geração. Portanto, o conhecimento seria um instrumento para divulgar a cultura e a história do povo. Compreendemos que Lutero, a exemplo dos humanistas, ao valorizar o homem e seus feitos, contemplou o homem como agente histórico e anterior à fé.

[...] Recomenda-se a todos aqueles que se interessam pela criação e manutenção de tais escolas e dos estudos das línguas na Alemanha, que não se poupem esforço nem dinheiro para instalação de livrarias ou bibliotecas, especialmente nas grandes cidades. Pois se deseja preservar o Evangelho e todo tipo de arte, estes devem estar compilados em livros escritos (**Aos Conselhos de todas as Cidades...**, p.322).

Essa idéia de se investir na educação para o bem da sociedade e que o conhecimento possibilita a divulgação e a preservação da cultura, continua hoje na contemporaneidade (GENTILI, 1998), mas em Lutero a instrução devia estar centrada na Bíblia, detentora de todo o conhecimento. Ao propor investimentos na educação, pretendia Lutero investir na evangelização.

Ainda que para Lutero a educação religiosa tenha sido algo relevante e considerável, visto que, por meio de sua pedagogia condicionou aos cristãos a idéia de que se lessem e interpretassem o Evangelho, com discernimento, alcançariam a liberdade da tutela interpretativa de Roma, impôs a obrigatoriedade e o dever de estudar com disciplina e ordem as Escrituras. Como se dá ao mesmo tempo, essa liberdade e essa servidão da liberdade? Entendemos que essa defesa intransigente da liberdade se tornou uma falsificação da verdadeira liberdade cristã. “Pois na realidade concreta a liberdade não se segue forçosamente de modo cronológico, mas sim em um processo dinâmico e contínuo” (KIRST, 1999, p.35).

A educação como instrumento formativo e de Igreja foi algo característico de Lutero. Por meio dela o futuro cidadão e membro da comunidade cristã seria preparado e formado para a vida. A escola que ele propôs, incorporou as conquistas do humanismo aos ideais da Reforma e somados, formou o grande desafio para a Alemanha e para grande parte do Ocidente. Lutero não abdicou da Educação Geral de todas as crianças, já que para ele a Igreja também era responsável pelo bem da sociedade. Mas como a Igreja assumiria essa função social? Preparando bem os seus pastores e fiéis para a vida espiritual e temporal. É certo que ele pretendeu uma educação voltada para o mundo espiritual, mas valorizou o estado secular, como necessário à vida. Lutero trabalhou intensamente para a implantação da escola primária (uma educação elementar) e solicitou às autoridades que assumissem essa tarefa, pois a educação para todos devia ser da competência do Estado. Embora na forma de pensar de Lutero não apareça claramente a exigência de uma cultura voltada para o povo, é de grande importância a tomada de consciência do valor laico estatal da instrução concebida, não mais como algo reservado aos clérigos e a classe dominante, mas como fundamento do próprio Estado (MANACORDA, 1989).

### **2.3.3 Os Pais: os Primeiros Responsáveis pela Educação**

Em junho/julho de 1530, Lutero, ainda no Castelo de Coburgo, escreveu **Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola**, que foi publicada em Wittenberg em agosto do mesmo ano. Nesse período aconteceu a Dieta Imperial de Augsburgo e Lutero, proscrito não acompanhou a comitiva do Príncipe Eleitor da Saxônia. Ainda que constrangido por estar refugiado, Lutero assessorava o Eleitor, por carta, durante as deliberações da assembléia que decidia sobre o destino dos Reformadores (luteranos). Nessa altura, Lutero já percebia alguns resultados na lista em favor da sua proposta de educação cristã. Ao adotar, a educação como instrumento valoroso para implementar as reformas religiosas e, conseqüentemente social, ele entendeu que teria que investir na educação do povo. Contudo, tornava-se necessário enfrentar novos problemas. Muitos pais preferiam encaminhar os filhos ao lucro fácil do comércio, em vez de mandá-los à escola luterana. O problema passou a ser então a resistência dos pais em enviar seus filhos à escola, pela falta que fariam como mão-de-obra auxiliar junto a eles. O tratado de 1530 é, portanto, uma exortação aos pais para enviarem seus filhos à escola (ALTMANN, 1994).

A necessidade de uma reforma educacional era visível. O antigo sistema medieval estava em crise, como reflexo de uma crise maior, a saber, a da sociedade medieval em transição para um capitalismo mercantil. Nesse período, havia apenas as escolas dos mosteiros e as possibilidades de uma educação superior limitavam-se à carreira eclesiástica (ALTMANN, 1994). Essas escolas religiosas, que até então usufruíam de forte atrativo, pelas oportunidades únicas que proporcionavam, perderam o interesse das famílias, ainda que oferecessem uma base de formação mais ampla, voltada também para o preparo de novas profissões. A ênfase de Lutero recairia sobre o ensino da Bíblia e, no tocante à formação dos pastores, sobre a importância da formação de bons cidadãos para a sociedade.

No prefácio dessa Carta, Lutero encorajou os pastores a continuarem insistindo na instrução da juventude. Se a juventude não adquirisse instrução, as novas gerações seriam presas fáceis do diabo. Para ele, não bastava somente que os filhos aprendessem ler alemão e fazer contas, mas que conhecessem a palavra de Deus, por isso afirma: “Toda comunidade precisa ter outras pessoas além de mercadores. Deve haver pessoas que saibam além de somar e subtrair, pregar, governar e administrar justiça, tanto no Estado Espiritual como no material” (**Uma Prédica...**, p.328).

O discurso, ou sermão, **Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola** divide-se em duas partes. Na primeira, Lutero descreveu o proveito e o prejuízo que resultariam para o governo espiritual, de se instruírem ou não os filhos. Na segunda, o proveito e prejuízo que educar ou deixar de educar acarretaria ao governo secular ou temporal. Fica claro que, em qualquer dos casos, os pais, estariam beneficiando ou prejudicando seus filhos e ofendendo o próprio Deus, que rege o mundo por meio de seus governos.

[...] No entanto para pregar, governar e administrar a justiça, tanto no estado clerical ou secular não bastam sequer todas as ciências e línguas do mundo, muito menos exclusivamente a língua alemã, sobretudo nos tempos modernos, quando é preciso falar com mais pessoas do que com o vizinho [...] (**Uma Prédica...**, p.328).

Para que se mantivesse o ministério da palavra, que compreendia pastores, professores, leitores, sacristãos, mestres-escolas, Deus precisaria de homens: Quem tivesse filhos e os dedicasse ao ministério, estaria cooperando no governo espiritual desse mundo. O filho

atuaria como instrumento de Deus na realização das maiores obras, que iriam desde libertar os homens do pecado até ressuscitá-los da morte. Podemos reafirmar que Lutero via a educação como obra de salvação dos homens. Era pela educação que se chegava a Deus, através do conhecimento da palavra e pela pregação do evangelho. Daí decorria a paz e a harmonia na sociedade. Portanto, para Forgione (1950, p.315) “convém pensar antes de tudo nas gerações futuras, pois se a abandonarmos a sociedade estará sujeita a desordem”.

Lutero reconhecia que nem todos os filhos poderiam tornar-se pastores, pregadores e mestres-escolas, mas recomendava que freqüentassem a escola e aprendessem latim. Uns se tornariam doutores e mestres das Escrituras; outros simples burgueses. Sugeria que: “A instrução recebida não o prejudica no trabalho e na luta pelo pão; pelo contrário, sabe administrar tanto melhor sua casa e está preparado para o ministério da pregação caso o ministério pastoral precise dele” (**Uma Prédica...**, p.342).

O governo ou ministério secular era instrução e dádiva de Deus para assegurar a sobrevivência e harmonia da sociedade humana. Sem o governo secular a vida humana não poderia subsistir. Deus, portanto, segundo ele, desejava que esse regimento e função fossem mantidos no mundo. Para mantê-los, precisaria de homens qualificados. É possível governar pela força; entretanto, para assegurar a paz e o progresso, era preciso governar pelo direito e, para isso, conhecer as leis “A Sabedoria é melhor do que a força”. Assim sendo, o pai que educasse o filho estaria cooperando com Deus, e que faria por meio dele, obras maravilhosas, como proteger pessoas e bens, preservar a paz. Quem, no entanto, deixasse de educar o filho, estaria permitindo que o governo secular fracassasse: “Por tua causa o imperador perde a espada e a coroa, e a província perde a proteção e a paz [...] Acaso não é servir a Deus quando se colabora na manutenção de sua ordem e do regime secular?” (**Uma Prédica...**, p.350).

A fim de aliviar a preocupação com o sustento familiar, Lutero descreveu o grande número de cargos e funções que se achavam à disposição de pessoas instruídas. Expressou a convicção de que homens competentes seriam disputados por príncipes e cidadãos, e alcançariam fama e dinheiro. Recomendou, pois, que não se desprezassem os estudantes pobres, pois poderiam tornar-se grandes senhores. Lutero aproveitou a oportunidade para exemplificar com sua vivência, dando credibilidade pedagógica ao ensinamento proposto, ao lembrar que ele

próprio havia mendigado pão à porta das casas em Eisenach e depois progrediu, graças aos sacrifícios do pai e ao próprio esforço (**Uma Prédica...**, p.352)<sup>22</sup>.

A educação que Lutero valorizou e insistiu com as autoridades, as famílias e a Igreja foi a educação cristã. Daí para valorizar o estudo e enfatizar sobre a necessidade de freqüentar a escola, Lutero, acrescentava em seu discurso que médicos, juristas, pregadores eram imprescindíveis para o mundo. “Como seria o mundo se não houvesse escolas? É dessa vertente que todos brotam” (**Uma Prédica...**, p.352).

O texto, **Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola**, fez parte de um programa de incentivo aos estudos que Lutero empreendeu junto aos políticos e aos pais, para que, além de preparar os filhos para o trabalho, os mandassem à escola. Segundo Manacorda (1989), Lutero sugeriu que se os pais não pudessem se privar das crianças o dia inteiro que os mandassem pelo menos uma parte do dia. É interessante observar como ele tenta conciliar o respeito pelo trabalho manual produtivo com o tradicional prestígio do trabalho intelectual.

Dada a importância que Lutero atribuiu à educação, declarava que não havia recompensa que fizesse justiça, nem dinheiro que pagasse a um professor ou mestre piedoso e aplicado que educava e instruía fielmente os meninos. “É tão meritório o trabalho de um mestre que, eu próprio, se tivesse que deixar o ministério, seria professor de meninos” (**Uma Prédica...**, p.334).

Nesse texto Lutero esclareceu com eloqüência o papel decisivo da educação cristã para o futuro da Igreja e da sociedade. A educação serviria de meio para fomentar os governos espiritual e secular. Era um instrumento que Deus usava para preparar, colaboradores no governo do mundo. Expressava uma visão teocêntrica de educação e, como tal considerou-a meio e instrumento de Deus. Observamos, mais uma vez, a ética do amor decorrente da fé que fundamentava a responsabilidade dos pais e pastores pela educação cristã das novas gerações. Nem os pais, nem os filhos poderiam viver para si mesmos. Sendo cristãos, precisariam engajar-se na obra de Deus nesse mundo e promoveria tanto a salvação dos homens como a paz da cidade.

---

<sup>22</sup> Na juventude, quando estudou em Eisenach, Lutero praticou mendicância para conseguir estudar longe da casa paterna (LIENHARD, 1998, p.32).

Segundo Altmann (1994), Lutero, ao considerar a educação como um mandato de Deus e fundamentá-la em citações bíblicas, compreendeu que as escolas eram necessárias e uma nova exigência se constituía: a de uma educação universal. A escola antiga, que abrangia apenas algumas pessoas privilegiadas, devia ser substituída por uma nova escola que abrangesse todas as pessoas. Mas que oferecesse “mestres íntegros, honestos e disciplinados, postos à disposição por Deus” (**Uma Prédica...**, p.332).

Pela leitura minuciosa desse texto, compreendemos que Lutero não foi só um religioso preocupado com a fé e a salvação dos homens, mas foi um teólogo que influenciou consideravelmente na educação de seu tempo e legou grandes contribuições à modernidade, posto que, ao vislumbrar uma escola para todos, ainda que cristianizada, compôs uma visão inovadora, que representou um grande avanço para o sistema educacional da época.

Segundo Cambi (1999), foi com Lutero que pela primeira vez se falou em educação universal e também foi quem solicitou às autoridades oficiais para que assumissem essa tarefa, por achar que a educação para todos é de competência do Estado, porém foi Comênio (1592-1670), quem primeiro sistematizou as bases do discurso pedagógico, expresso na sua obra **Didática Magna**:

Nós ousamos prometer uma Didática Magna, isto é, um método universal de ensinar tudo a todos. E de ensinar com tal certeza, que seja impossível não conseguir bons resultados. E de ensinar rapidamente, ou seja, sem nenhum enfado e sem nenhum aborrecimento para os alunos e para os professores, mas com sumo prazer para uns e para outros [...] (COMÊNIO, 1976, p.45)

Ambos se baseavam num profundo ideal religioso que concebia o homem e a natureza como manifestações de um precioso desígnio divino e que a educação poderia prover o homem de conhecimentos úteis ao mundo civil como também à salvação.

A educação é realmente um assunto da mais séria importância e, assim como todos devem assegurar que ela se concretize, assim também todos devemos examiná-la com bom senso, pois dela depende a salvação de todo o gênero humano. Que presente mais belo e maior poderemos nós oferecer à Pátria que o de instruir e educar a juventude [...] Se portanto, queremos Igrejas e

Estados bem ordenados e boas administrações, primeiro que tudo ordenemos as escolas e façamo-las reflorescer, a fim de que sejam verdadeiras e vivas oficinas de homens e viveiros eclesiásticos, políticos e econômicos (COMÊNIO, 1976, p.46 e p.71)

Um outro princípio tomado por Lutero que inspirou outros contemporâneos foi a proposição de um estudo mais vivo e atrativo que possibilitasse um ambiente escolar de musicalização e brincadeiras, porém sua mais original idéia foi a de propor atividades sociais, em grupos, para os alunos, exigência essa, posta e muito praticada nas escolas de hoje (ABBAGNANO e VISALBERGHI, 2001).

Compreendemos que a Reforma religiosa de Lutero contribuiu fundamentalmente com a formação da mentalidade moderna. Como também, o aspecto pedagógico teve uma importância decisiva, entre outras razões, porque com ela foi pela primeira vez, proposto em termos concretos, o problema da instrução universal, uma vez que era uma exigência do princípio do sacerdócio universal, que todo cristão devesse estar em condições de ler as Sagradas Escrituras, nesse contexto, a educação foi o instrumento para a realização dos propósitos luteranos.

### **3 AS CONTRIBUIÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS DO PENSAMENTO DE LUTERO PARA A MODERNIDADE**

*O homem deve saber que o bom espírito nele habita e que a graça divina nele se manifesta (HEGEL).*

A contribuição de Lutero e do mundo protestante à educação, remete à atividade missionária levada a efeito pelo Reformador que, ao socializar o Evangelho, este ocupou um lugar não só nos púlpitos, mas junto ao povo. Os esforços por ele empregados na erradicação dos males sociais, culminaram na proposição de uma escola para todos, no sentido de viabilizar o estudo das línguas, preparar pastores e oferecer homens instruídos para as atividades civis.

Apreendemos dessas proposições que Lutero ao valorizar a educação despertou o interesse das autoridades oficiais e, com isso, promoveu o começo da educação pública. Esta teve seu maior desenvolvimento no campo do ensino médio, com a criação de numerosos colégios secundários, em substituição às escolas catedrais suprimidas. No domínio da educação primária, com a ajuda de Melanchthon inspirou a criação de escolas que fomentassem o saber e a ordem para que as crianças fossem bem educadas na disciplina e nas artes. Uma escola comum com caráter religioso.

Nesse contexto, o conceito de vocação toma uma conotação religiosa, a de uma tarefa ordenada, ou pelo menos sugerida por Deus. Ao tomar a palavra alemã “Beruf”, Lutero a traduziu, na Bíblia, conforme hoje chamamos vocação, no sentido de trabalho. Dessa forma, o pensamento subjacente originado daí, era um produto da Reforma. Foi portanto, nesse conceito de vocação que se manifestava o dogma central de todos os ramos do Protestantismo, Segundo Weber (1987, p.53), “a única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no cumprimento das tarefas do século, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo. Nisso é que está a sua vocação”

A vida monacal, criticada duramente por Lutero por afastar o cristão do convívio social passava a ser encarada, por ele, não apenas como destituída de qualquer valor e justificativa perante Deus, mas também como produto de uma egoística falta de carinho que afastava o homem das tarefas desse mundo. Em contraste com ela surge a vocação para o trabalho secular, como expressão de amor ao próximo.

Diante dessa questão, Lutero acreditava que uma das tarefas primordiais era ensinar e educar para que os propósitos de Deus – a salvação dos homens e uma vida de serviços desse homem redimido a Deus e ao próximo, fossem alcançados. Nesse sentido a educação devia ter como alvo:

Formar o homem como pessoa moral e racional, que fizesse uso da razão para promover o bem próprio e dos outros. Um homem que soubesse gerir a própria vida, prover o próprio sustento pelo trabalho e participar da gestão da coisa pública. Um homem capaz de conduzir-se honradamente na família, na economia, na política e nas artes (WARTH, 1986, p.102).

Todos esses feitos circunstanciaram-se em forte apelo político-social, pois trouxeram benefícios à sociedade estabelecendo melhorias sociais, mas o princípio de liberdade de consciência prescrito por Lutero, encontrou drásticas limitações, principalmente depois dos conflitos sociais provocados entre a nobreza e os camponeses (1524-1525). A partir desse episódio a reação de Lutero foi a de se apoiar, cada vez mais, nos poderes políticos constituídos e deixar com os mesmos o dever de se ocuparem com a organização eclesiástica e com a educação do povo, especialmente, àquela relacionada com a formação de valores e obediência à ordem instituída, princípio, esse, centrado no reconhecimento da origem divina do poder político. “Pode-se dizer que Lutero se preocupou em formar bons súditos para o mundo temporal” (ABBAGNANO e VISALBERGHI, 2001, p.259).

Uma das identidades do movimento reformador se referiu às instituições escolares e se constituiu num impulso decisivo à educação, considerando: a afirmação do princípio universal; formação de escolas populares, destinadas às classes pobres, ao todo, diferente das escolas das classes ricas; o controle quase total da instrução por parte da autoridade laica; uma crescente característica nacional da educação em diferentes países. Como podemos observar são princípios educacionais que permanecem até nossos dias e, portanto, um legado dos

reformadores. “Como se vê, as características são típicas das escolas européias, até nossos dias. Convém, portanto buscar sua origem no período da Reforma luterana” (ABBAGNANO e VISALBERGHI, 2001, p.259).

Nesse contexto, podemos afirmar que uma das conseqüências do movimento luterano foi a proposta de supressão das ordens religiosas e confiscos dos bens eclesiásticos pelos príncipes e por grandes feudatários. Com isso, um sem número de escolas religiosas deixou de funcionar no preciso momento em que se afirmou o princípio de liberdade de consciência e do sacerdócio universal, o que exigiu que todos e cada um dos crentes estivessem em condições de ler e interpretar diretamente as Sagradas Escrituras.

Esses princípios demandaram, por parte de Lutero, um empreendimento com adesão social. Para tanto, dirigiu eloqüentes chamamentos à nobreza alemã, aos magistrados das cidades e aos pais, a fim de que se engajassem em prol da educação e promovessem a educação para todos os cidadãos, mulheres e homens. Por isso, suas propostas incidiam sobre a necessidade de investir na educação, mas, distinguiram entre o tipo de instrução útil para as classes trabalhadoras e a que convinha aos mais endinheirados. Como não era indispensável conhecer as línguas clássicas para atender ao princípio de liberdade de consciência, ele mesmo procedeu a tradução da Bíblia em uma nova versão que se constituiria em um monumento fundamental do moderno idioma alemão. Mas a quem estava destinado trabalho manual bastava freqüentar a escola uma ou duas horas por dia, o suficiente para aprender a ler, escrever na língua vulgar, dedicando o resto do seu tempo ao aprendizado de um ofício, pois “é pelo trabalho consciente do crente no reino terrestre que Deus se revela” (WITTE, 2002, p.101). Ao atribuir às línguas uma função instrumental demonstrou que por meio do estudo da mesma perpassaria a história para as gerações futuras.

O chamamento de Lutero à nobreza germana de 1520, escrito em latim, misturando-se ao alemão popular, “se reproduziu em panfletos rápidos, violentos, que feriam como balas. Era uma carga profunda contra Roma, o Papa, a Cúria” (FEBVRE, 1994, p.150). O texto todo se constituiu de uma denúncia aos abusos da Santa Sé. Se de um lado havia uma exortação à revolta de uma Alemanha que se sentia explorada pela Igreja de Roma. Ele apelou aos nobres, aos que tinham a força e deviam manter a nova religião e o poder econômico da nação alemã.

Por outro lado há toda uma dimensão política nesse manifesto, escrito em forma de carta aberta aos príncipes, pois Lutero ao querer unir forças e esforços e juntos, povo-sociedade hegemônica procurava se conduzir de forma autoritária como o cabeça do movimento nacional alemão. “Escutai-me, lembrai-vos que sois germanos” (**Uma Prédica...**, p.363). Sempre foram suas palavras de ordem.

Lutero afirmou, até o fim de sua vida, seu júbilo de ter assistido à nova emergência do evangelho e de ter sido o seu instrumento. A doutrina do reformador ainda tomou o lugar da causa pública revelada por sua constante preocupação com a educação, isso foi objetivado ao propor um programa de escolas para o povo. Daí, grande parte da cristandade recebeu ou aprendeu o ensinamento do evangelho, graças a uma metodologia baseada na inculcação dos valores que tinha como meta conduzir os ensinamentos religiosos para o povo. Muitos, além do acesso às verdades bíblicas se disciplinaram nos estudos literários e se fizeram homens valiosos para a Alemanha e para o mundo. Segundo Manacorda (1989), essa foi, apesar de suas contradições, uma característica comum aos povos que se rebelaram contra a Igreja de Roma. Justamente deles surgiu, e não dos países católicos, não obstante o forte empenho de novas Ordens Religiosas, a iniciativa mais avançada de novos modelos de instrução popular e materno<sup>23</sup>.

Lutero ao escrever o manifesto **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**, já vislumbrava um programa de reformas para a cristandade e incitava não só a nobreza, mas o conjunto das autoridades políticas a atuarem concretamente em favor das reformas, afirmando que todos os cristãos faziam, na verdade, parte do estado eclesiástico; que não havia de modo nenhum diferença entre eles a não ser de função. A partir dessa idéia, reivindicava o direito de todos lerem a Bíblia e de se instruírem na palavra de Deus, patrimônio comum dos fiéis.

Por fim, vinha no Manifesto o esboço de um programa de reformas políticas, econômicas e sociais. Aí se achava uma declaração de guerra às especiarias, símbolo do luxo excessivo da alta nobreza e do alto clero; um plano de assistência e de luta contra a mendicância; crítica ferrenha contra a usura, os monopólios financeiros em detrimento do trabalho como fonte de

---

<sup>23</sup> Muitos dos movimentos populares heréticos valorizavam ciência, em detrimento da fé, julgavam que o conhecimento profundo poderia levar o homem à descrença (DREHER, 2002, p.12).

vida com abstenção do lucro. Assim, o Manifesto se tornou uma obra popular que atendia aos reclames do povo, isto tudo, no momento em que Lutero pressionado por Roma, recebia em 24 de julho de 1520 a publicação da bula *Exsurge domine*, uma espécie de ultimato que concedia a Lutero mais um prazo dentro do qual deveria revogar suas heresias<sup>24</sup> (LIENHARD, 1998).

O apelo **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**, se constituiu de um escrito programático e repercutiu profundamente, dado o abalo que causou entre a velha ordem e as forças de renovação, pois trazia em sua essência uma reforma das universidades como parte de uma reforma geral da sociedade política, com o objetivo último de abolir tudo que não fosse compatível com o Evangelho.

No escrito considerado pedagógico, de 1524, **Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs**, Lutero convocou os administradores locais, os conselheiros das cidades para que viabilizassem escolas para todos, demonstrando ampla visão político-social. O reformador queria somar forças para sua causa. Quem melhor poderia auxiliá-lo do que os prefeitos das cidades, já que ele colocava sua causa como pública? Nessa carta ele apresentava um auspicioso projeto de uma escola-nova, que em três anos pudesse realizar um programa educativo equivalente àquele que normalmente exigia uma vida inteira. Era uma crítica cruel à escola tradicional. Mas, o acento foi colocado especialmente na utilidade social da instrução, segundo uma divisão do trabalho entre os sexos, divisão esta que, embora não revolucionária, pelo menos era realista (MANACORDA, 1989).

Lutero demonstrou conhecimento e visão sócio-política quando se aliou aos prefeitos, aos nobres e aos pais, para juntos proporem instrução, acesso ao saber religioso, escola para o povo, formando gente apta para o trabalho, já que se iniciava, ainda que de forma incipiente, um novo modelo econômico, o capitalismo, com novas formas de produção, de trabalho e de bens. Necessitava, portanto, da formação de pessoas capacitadas, principalmente para as áreas do comércio e da administração pública. O comércio, por sua vez, estava em expansão. Tudo isso tornava necessária uma reforma do antigo sistema que não correspondia a essas necessidades. Ainda que Lutero não tenha efetivamente oferecido escolas ao povo, “foi ele

---

<sup>24</sup> *Exsurge domine* palavras latinas iniciais da bula, significam: levanta-te, Senhor, segundo SI 74.22 (LUTERO, 2000, p.7, v.2. In. Obras Seleccionadas).

quem deu impulso prático e força política à programação de um novo sistema escolar” (MANACORDA, 1989, p.196).

O tratado de 1530, **Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola**, era uma exortação aos pais onde Lutero asseverou a necessidade da educação própria e dos filhos e filhas, mas também a de sustentar economicamente as escolas. Argumentou que já não havia razões para gastar-se dinheiro com indulgências, compra de relíquias, abuso dos quais a Reforma havia libertado as pessoas, segundo ele. Essa economia poderia ser revertida em favor da educação, já que esta seria a atividade mais importante para todos.

Já se escreveu muito sobre escolas e educação dos filhos, até demais: no entanto, na prática pouco se fez e poucos tomaram a questão a peito. Os que, porém, se empenharam ou ainda se empenham Deus lho recompensará ricamente (**Uma Prédica...**, p.330).

Lutero se mostrou, ao longo de sua trajetória como Reformador, um grande conhecedor da alma (essência) humana. Seu olhar teve sempre uma dimensão além do aqui e agora, isso pode ser constatado no pensamento pedagógico expresso: “Quero aprender com o povo, com as crianças” (**Catecismo Menor**, p.441) numa demonstração de sintoma com os anseios sociais, com as pessoas simples. Assim deu voz à gente humilde e sem instrução.

Compreende-se ainda, por meio de uma análise de suas obras, sua preocupação social, expressa na inclusão das mulheres no direito à educação, um fato progressista para a época, ainda que tal reivindicação estivesse vinculada à doutrina do sacerdócio universal, que não permitia a exclusão de ninguém do acesso aos meios de educação. Isso, foi positivo para a educação e um indício inovador desse religioso que propunha reformas na Igreja e na sociedade (ALTMANN, 1994).

Ao se considerar toda a ação de Lutero em prol da educação de seu tempo e da modernidade, constata-se que este religioso não apresentou nenhum estudo filosófico educacional, nem tampouco reflexões pedagógicas mais amplas e que a sua preocupação em geral, foi com as classes burguesas, havia uma constante preocupação com as maiorias ignorantes e carentes de instrução, com a inclusão de todos no sistema escolar, sem distinção, os reformadores

protestantes, liderados por Lutero não excluíram dos propósitos educacionais a grande massa popular, ainda que propusesse uma formação diferenciada (ARANHA, 1989).

Consideramos que Lutero entendia que, na situação em que se encontrava a Igreja e a sociedade, cabia à nobreza, às autoridades administrativas locais e aos pais a função de serem co-autores da Reforma eclesiástica e social. Se os escritos, pela rápida difusão e pela forma argumentativa e persuasiva, receberam amplo apoio popular isso demonstrava que Lutero interpretava e compreendia as expectativas e as necessidades humanas e materiais de sua época.

### 3.1 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA PEDAGOGIA LUTERANA

Lutero e os partidários do movimento contestador manifestam-se convencidos da necessidade de valorizar a catequese. Os ritos não bastavam por si só, para convencer a sociedade de sua legitimidade, era preciso explicá-los. Convinha trabalhar em favor de uma fé consciente e ocupar-se, principalmente, da juventude. Pois, as escolas reorganizadas a partir de 1520, segundo as idéias do “Manifesto à nobreza cristã da nação alemã” requeriam uma valorização da instrução religiosa. Pregava-se a necessidade de um novo catecismo para difundir os dogmas religiosos.

Nesse contexto, por ocasião das “Visitações às Comunidades” em 1528, Lutero constatava a ignorância espiritual do povo e ao prefaciá-lo a **Missa Alemã e a Ordem do Culto**, em 1526, evocou a urgência de um catecismo simples e de fácil compreensão. Para atender as necessidades de uma educação religiosa elementar elaborou o **Catecismo Menor**. E, para aprofundar conhecimento e subsidiar os sermões dos pregadores elaborou o **Catecismo Maior**. Esses Catecismos foram escritos simultaneamente. Segundo Delumeau (1989), Daniel-Rops (1996), Lienhard (1998), Ebeling (1988), os Catecismos apresentam conteúdos que se completam. Tanto que foram escritos e publicados simultaneamente em 1529.

O **Catecismo Maior** e o **Catecismo Menor**, expressavam uma forma clara de como se devia instruir a juventude para que se tivesse uma sociedade ordeira, com cidadãos valorosos e

imbuídos de respeito, temor a Deus e obediência às autoridades espirituais e seculares. Eram verdadeiros manuais que objetivam preparar pais, pastores e professores dentro da doutrina cristã de forma que pudessem promover uma educação permanente e com disciplina para o ensinamento dos mandamentos divinos. Isso consistia em uma condição para a formação e exercício de profissões civis e religiosas.

Nesses textos, eram oferecidos um modelo instrucional sobre saberes seqüenciais e gradativos que deviam ser apreendidos no dia-a-dia, sem cessar. Essa proposta pedagógica se justificava devido a ignorância do povo, dos párocos e procurava atender a emergência em que se encontrava as igrejas e as escolas. A metodologia instrumental da transmissão e memorização passava a ser o foco da aprendizagem nas igrejas, nas escolas e, principalmente, nas famílias.

Os pastores, mestres-escolas e pregadores eram preparados por Lutero, os quais, juntamente com os pais eram chamados a educar as crianças, os jovens e as pessoas comuns, tendo como subsídios os catecismos. “Pois quem pretende ensinar a outros precisa dispor de muita experiência e preparo especial. Para adquiri-los, precisa-se estudar por longos anos, desde a mocidade” (**Instrução dos Visitadores aos Párocos**, p.306). As orientações para se ensinar eram compostas de três classes: Em primeiro lugar era dada, oralmente ou por escrito, a citação bíblica sobre cada mandamento. Em seguida era formulada a pergunta que devia ser respondida, na terceira etapa, aparecia a resposta que devia ser decorada.

Todas as respostas iniciavam da mesma maneira: “Devemos temer a Deus [...]” Essa forma de ensinar requeria dois quesitos básicos da educação, necessários nesse momento histórico: a repetição – repetir dez vezes a mesma fórmula, visando simplesmente gravar sem explicar seu significado e, o medo, sob o qual se devia apreender: devia se temer a Deus, caso contrário poder-se-ia ser castigado. Por isso os Catecismos eram organizados de modo que a aprendizagem se fizesse sem questionamentos, partindo do pressuposto que os pais, pastores, mestre-escola e demais autoridades estivessem sempre certos do que ensinavam. Isso era uma garantia para que todos aprendessem o que lhes fora ensinado.

Nesse contexto, a família representava o centro da educação, o sustentáculo da sociedade. “El gobierno de la familia és la base de todos los demás gobiernos” (FORGIONE, 1950, p.315).

O fundamental era instruir e ensinar toda a gente simples e ignorante na fé cristã. Assim, o **Catecismo Maior e o Catecismo Menor**, conforme foi publicado nas primeiras edições se constituíram em sermões catequéticos, instrumentos essenciais à doutrinação da justificação pela fé.

### 3.2 SOBRE OS CATECISMOS

O **Catecismo Menor** trata-se essencialmente de um ensinamento oral baseado nos “Dez Mandamentos”, no “Credo” e no “Pai Nosso”, conhecimento obrigatório para a época. Foi editado sob a forma de quadros, ilustrados por Lucas Cranach (1472-1553), segundo um costume medieval, foram pendurados nas igrejas, nas casas e nas escolas, como uma forma de materializar esse conhecimento, que se devia estabelecer tanto em casa como na igreja, por isso requeria uma elaboração em forma de manual. A linguagem era simples, concreta, rude, quando não grosseira. Usava com frequência imagens e exemplos que ilustravam diversas partes que compunham os Catecismos, os quais, foram definidos como “a instrução pela qual os pagãos que querem ficar cristãos são ensinados e orientados a respeito do que devem crer, fazer, evitar e saber no catecismo” (**Catecismo Menor**, p.317).

Cabe aqui destacarmos que no período de 1522 a 1529, surgiram diversos catecismos. No entanto, prevaleceram o **Catecismo Maior** e o **Catecismo Menor**. Os pais eram, também, interrogados pelos pastores ou pelos inspetores que cuidavam de difundir o ideário religioso elementar. Lutero ao delegar aos representantes das ordens sociais: a igreja, a família e a escola a responsabilidade de anunciar e ensinar o Evangelho expôs no “manual” como se devia ensinar, com “simplicidade”, o povo. Cabe, aqui, destacarmos algumas expressões que explicitam o pensamento pedagógico de Lutero:

Por isso rogo a todos vós [...] que vos devoteis de todo o coração ao vosso ofício, vos apiedeis do povo confiado a vós e nos ajudeis a inculcar o catecismo às pessoas, especialmente à juventude. [...] Tomem esses livrinhos e formas e leiam-nos, palavra por palavra, ao povo, fazendo que este repita as palavras (**Catecismo Menor**, p.364).

Essa era uma metodologia em que o ensino se fazia pela inculcação e pela repetição: “ajudeis a inculcar” e “fazendo que este repita palavra por palavra”, objetivava gravar, imprimir no espírito dos cristãos, ou seja, impingir a sua doutrina de forma autoritária. Naquele momento não era necessária a compreensão do que estava sendo ensinado, mas o ritual da repetição para que se efetivasse a inculcação do saber religioso. Para isso, Lutero prescreveu as normas de ensino no Catecismo. O fundamental desse processo consistia primeiro em conservar sempre as mesmas expressões:

Em primeiro lugar, tenha o pregador, acima de tudo, o cuidado de evitar textos e formas diversas ou divergentes, seja os Dez Mandamentos, Pai Nosso, o Credo. Tome, ao contrário, uma única forma e a ela se atenha e a incuta, sempre, ano após ano. Porque pessoas jovens e simples devem ser ensinadas com um texto uniforme e fixo, pois, de outro modo, facilmente ficam embaralhadas, se hoje se ensina de um jeito e no ano seguinte de outro, perde-se com isso todo esforço e trabalho (**Catecismo Maior**, p.448).

Com essa postura acreditava-se que a aprendizagem se constituísse de forma ampla e com mais facilidade. Além disso, afirmava que o que se aprendia de jovem, de maneira geral, permanecia para o resto da vida, formaria hábito. Isso era uma garantia para que todos aprendessem o que lhes fora ensinado. Essa pedagogia de Lutero consistia em um método comum, que não diferia das escolas desse período, mas a chave decisiva para o êxito desse empreendimento se encontrava na perseverança do método. Ao propor que se trabalhasse os conteúdos simples, mínimos e os exercitassem por partes e calcados na frequência e na repetição obtinha-se a aprendizagem ainda que na base da memorização.

Entretanto, o Reformador apresentou algumas inovações consideráveis em sua proposta metodológica para esse período conturbado, do cisma religioso. Lutero compreendia que o processo da aprendizagem devia estar associado à atividades prazer e alegria. Entendia também que a música devia estar a serviço do texto, tinha que carregar o texto. Para Lutero se devia exercitar os meninos e alunos na Bíblia, para tal usava o seguinte procedimento:

Na semana cantam-se diariamente, antes da lição, como alguns Salmos em latim, pois, como foi dito, queremos manter e exercitar a juventude na Bíblia em latim. Após os Salmos, os meninos lêem entre dois ou três, um após o outro, um capítulo do Novo testamento em latim. Em seguida, outro menino lê o mesmo capítulo em alemão, para exercitá-los e para o caso de haver

algum ouvinte leigo presente. Esse é o culto diário ao longo da semana nas cidades que haja escolas (**Missa Alemã e Ordem do Culto**, p.183).

Com o título de **Catecismo Maior** esse texto de Lutero diferencia-se do **Catecismo Menor** por ser mais complexo, mais desenvolvido e com conhecimento mais aprofundado, já que seu objetivo era facilitar e ampliar o entendimento dos doutos para doutrinar os jovens, adultos e as crianças do povo, como uma forma de superação da ignorância que havia observado em suas visitas às comunidades alemãs. “Meu Deus, que miséria vi! O homem comum não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias” (**Catecismo Maior**, p.327).

Diante da ignorância que não era só do povo, mas de muitos pregadores e pastores, escreveu o **Catecismo Maior**, também em 1529, com linguagem clara e de fácil entendimento para todos. Para Lutero todo cristão tinha obrigação de conhecer a Bíblia, que se apresentava sintetizada nos Catecismos, cujos ensinamentos dogmáticos deviam ser apreendidos e vivenciados no cotidiano das pessoas.

Não é por razões somenos que inculcamos o Catecismo com tanto empenho e queremos e solicitamos que seja inculcado. Pois vemos que, infelizmente, grande número de pregadores e pastores são muito negligentes a esse respeito e desprezam seu ofício e essa instrução. Uns por causa de sua grande e sublime erudição; outros, porém, em razões de mera preguiça e solicitude pela barriga [...] (**Catecismo Maior**, p.325).

Com esse pensamento, a escola proposta por Lutero devia ser uma instituição que colaborasse com os pais nessa tarefa. A instrução religiosa devia despertar nas pessoas o desejo de servir ao próximo mediante a Escritura Sagrada:

Deve fazer-se, por isso, que os jovens aprendam bem e fluentemente as partes que pertencem ao Catecismo, ou instrução de crianças, e nelas se há de exercitar e ocupa-los diligentemente. Por isso, é dever de todo pai de família argüir, pelo menos uma vez por semana, um por um, seus filhos e empregados domésticos, e tomar-lhes a lição para verificar o que sabem a respeito do que estão aprendendo, e de instar seriamente com eles a que se empenhem no estudo, caso não conheçam a matéria (**Catecismo Maior**, p.330).

A responsabilidade dos pais na educação dos filhos se estendeu de forma abrangente, não envolvendo apenas as condições materiais para o desenvolvimento da vida física, como também, a educação para a vida. E, “vida para o filho de Deus engloba a sua relação com Deus pela fé e pela vida eterna [...] Por essa razão Deus quer que os pais ensinem os filhos a respeito dos mandamentos e de todas as palavras de Deus” (**Catecismo Maior**, p.331). Tendo a palavra de Deus como instrumento de persuasão e usando uma retórica bem elaborada foram enfatizados dois extremos: ter tudo o que se ambiciona ou a ira e o castigo de Deus.

Essas proposições de Lutero tinham como objetivo atemorizar os desobedientes à doutrina e encorajar os mais tementes a Deus para que se conduzissem por caminhos cristãos. Habilidade nas palavras e conhecedor das fraquezas humanas, das carências de amparo e dos desejos de salvação, enfatizou a idéia de um Deus zeloso, onipresente, atento às injustiças e misericordioso às gerações fieis, ao mesmo tempo em que apresentou um Deus punitivo.

Deve confiar exclusivamente em Deus e Dele prometer-se esperar apenas coisas boas. Pois, é Ele quem nos dá corpo, vida, comida, bebida, nutrição, saúde, proteção, paz e todo o necessário em bens temporais e eternos [...] De forma que só Deus é aquele de quem se recebe todo o bem e por quem se é livrado de todo infortúnio. [...] Porque eu sou o Senhor teu Deus, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos (**Catecismo Maior**, p.338-339).

Era importante formar uma consciência religiosa por meio dos exemplos e de temor a Deus. Educar consistia em conduzir pelos mandamentos do Evangelho, em constante exercício do bem fazer e viver. “Será essa maneira de bem educar as crianças, desde que se possa acostamá-las mediante bondade e divertimento” (**Catecismo Maior**, p.406), ou seja, incutir os mandamentos nos jovens era educá-los corretamente para a fé e para o mundo temporal, era instruí-los para serem bons filhos, bons pais, bons empregados, bons mestres e excelentes pastores.

Essa forma de desenvolver a catequese religiosa era a mesma que se utilizava nas escolas para o ensino do Latim, da Aritmética, da História, da Geografia e os demais conhecimentos que cabia à escola ensinar. O que importava era a obediência às palavras de ordem: armazenar, decorar, repetir. Prevalecia a transmissão de dogmas elementares, pura e persistentemente.

Era uma metodologia baseada na perseverança da palavra sagrada, pela frequência e assiduidade do exercício. O que não é muito diferente do mundo de hoje.

Outro princípio difundido pelos Catecismos era que todos deviam acreditar cegamente nas palavras do mestre. Os discípulos deveriam aceitar, sem contestar-lhe nenhuma palavra ou atitude. Ele era o modelo a ser imitado. Valia o argumento da autoridade, porque toda a autoridade vinha de Deus e se vinha de Deus não se questionava, cumpria-se. Em nome dessa autoridade, Lutero, por meio dessa metodologia orientou os pais; bispos, os pastores, pregadores em relação ao seu governo; orientou os maridos as esposas, os filhos, os empregados e empregadas, os trabalhadores e patrões (**Catecismo Maior**)<sup>25</sup>.

Nesses Catecismos observamos a valorização da palavra, dada a força e o poder que possui. As palavras não são vazias de significados, mas carregadas de conotação, de possibilidades de persuasão. Lutero se valeu do conhecimento lingüístico que tinha para exercer seu poder sobre as pessoas comuns. Estabelecida essa metodologia se estabelece um caminho que deveria ser seguido por todos aqueles que comungassem dos mesmos ideais de mudança e de fé. Seus objetivos eram claros: que a Bíblia servisse de base para todo seu apostolado – viver numa vida cristã com instrução e conhecimentos. Para tanto era necessário habilitar as pessoas para as leituras, as releituras e, com persistência, fazendo disto um exercício de repetição nas várias horas do dia, por amor ao Evangelho.

[...] Que se lessem, pela manha, ao meio dia e a noite, uma ou duas páginas do Catecismo [...] Não se trata apenas de ouvir, mas é necessário aprender e reter [...] É necessário que tenhas sempre a palavra de Deus continuamente no coração, nos lábios e nos ouvidos [...] Quando se medita, ouve e trata a palavra seriamente, ela tem o poder de nunca ficar sem fruto. Sempre desperta novo entendimento (**Catecismo Maior**, p.387).

A escola que Lutero propôs foi a da disciplina, da perseverança e da pedagogia do amor a Deus. Como todo aprendizado, requeria persistência, continuidade, e exercício, daí, acreditava-se que se construía o conhecimento. Lutero ao empreender mudanças na vida religiosa, estas se efetivaram também na sociedade, “pois a religião é manifestação social” (DÜRKHEIM, 1996, p.127). Tomando como referência que religião é manifestação social

<sup>25</sup> Lutero (**Catecismos Maior e Menor**, p.325-470, v.7).

podemos afirmar que essa pedagogia contribuiu para a libertação da consciência individual da escravidão da Teologia Escolástica e do formalismo ritualista.

Nos catecismos o princípio didático-pedagógico estabelecido foi o de que o aprender se faz continuamente, na vivência diária, ao longo da vida. O homem, na perspectiva de Lutero, deveria exercitar o aprendizado para que ficasse arraigado no âmago de seu ser. Esses preceitos contidos nos Catecismos se aplicaram não somente na religião, mas na formação do homem que estaria assim, apto para o mundo espiritual e secular. “Tenho de continuar diariamente a ler e estudar, e ainda assim, não me saio como quisera, e devo permanecer criança e aluno do Catecismo” (**Catecismo Maior**, p.388).

A idéia de que o aprendizado acontece mediante o exercício diário e sob a fragmentação do saber, era constante na educação medieval, um princípio ainda presente em muitas escolas de hoje. Aqui constatamos outro aspecto metodológico que é a mecanização e o esfacelamento do conteúdo. “Há mestres que atribuem o maior valor à análise minuciosa e fazem com que os alunos repitam de modo igual aquilo que disseram” (LUZURIAGA, 2001, p.106). Portanto, a metodologia proposta por Lutero, no século XVI, persistiu nos tempos modernos e, atualmente, é um procedimento muito comum nos diferentes níveis de ensino.

Ao escrever os Catecismos, Lutero, propôs não um manual, mas uma nova escola religiosa – cristã e, com ela a idéia de que na Bíblia se encontravam todas as verdades para o entendimento e realização dos homens. “Quem entende os dez mandamentos, deve entender a Escritura toda, de sorte que pode aconselhar ajudar, confortar, julgar e decidir em todas as coisas, tanto no plano espiritual quanto no temporal” (**Catecismo Maior**, p.387).

Nesses textos, podemos afirmar que Lutero, valorizou o aspecto da individualidade da natureza humana, de que as pessoas são eternos aprendizes e que se aprende no transcurso da história. Isso consistiu em mais um contributo marcante de suas proposições: “Deus está a ensinar desde o começo até o fim do mundo. Somos discípulos e temos de continuar a sê-lo” (**Catecismo Maior**, p.390). Com isso, fez um chamamento às três instituições sociais básicas: A família representou o centro de toda educação, a escola o lugar onde se devia estabelecer o aprendizado sistemático e a igreja era co-responsável pelos seus fieis, como uma forma de

despertar nos jovens o desejo de servir o próximo mediante os preceitos bíblicos, contidos nos Catecismos, pois aquele que desconhecesse os Catecismos não poderia ser chamado de cristão.

Segundo Aranha (1989), Lutero ao apresentar a proposição de sua forma de ensinar se expressava dentro de um espírito humanista, pois repudiava os castigos e propunha jogos, exercícios físicos e música, aliás, seus corais se tornaram famosos na posteridade. Mas a educação proposta era a de cunho religioso, portanto os Catecismos se tornaram instrumento valioso para a divulgação da Reforma.

O **Catecismo Maior** e o **Catecismo Menor** se constituíram em forte apelo educacional e se apresentam como verdadeiros manuais de educação religiosa, tanto para leigos quanto para o clero. Na verdade, esses documentos, aos olhos de hoje, não irradiam grande otimismo. Muitas passagens deixam transparecer certa violência nas palavras como obrigar, inculcar, repetir, entretanto refletiram também a convicção de Lutero nas mudanças em curso, pois acreditava que formaria uma juventude imbuída de valores morais. Por outro lado, essa decidida posição assumida de implementar uma pedagogia religiosa, demonstrou sua inabalável crença de que a própria fraqueza humana pode ser restaurada na fé, por meio de um exercício de persistência.

Em suas explicações sobre os Mandamentos evidenciou que uma das maiores bênçãos que Deus queria dar às crianças e ao mundo por meio dos pais e autoridades era a educação. Dessa forma, a educação proposta pela Reforma se constituía em dádiva de Deus repartida mediante a autoridade dos pais, dos mestres, dos pastores e pregadores. Assim, a família, a escola e a igreja deviam ensinar a instrução fundamental, inculcar os valores morais e religiosos, de maneira a superar os programas escolares da Igreja Medieval, centrados no ensino da língua vernácula, com ênfase no latim e na gramática dessa língua, ou seja, um ensino voltado para o *trivium* e o *quadrivium*. Apreendendo esse momento novo, Lutero respondeu aos apelos sociais de mudança escrevendo os Catecismos em língua alemã para enaltecer o espírito nacional e facilitar o acesso à leitura do código escrito.

O que importava, nesse momento, era formar uma geração de cidadãos obedientes, tementes a Deus e que se deixassem conduzir, seguindo prontamente os preceitos e que atendessem a nova doutrina e que respeitassem as autoridades, aos superiores, que constituíssem famílias e honrassem os Mandamentos:

[...] Cabe, outrossim falar da obediência aos superiores, que têm a seu cargo mandar e governar. Porque da autoridade dos pais deflui e irradia toda outra autoridade [...] Cumpre deveras, que não nos poupemos na faina e gastos na tarefa de ensinar e educar nossos filhos, a fim de que possam prestar serviço a Deus e ao mundo [...] (**Catecismo Maior**, p.217).

Educar dessa forma, não oferecia nenhuma ameaça à ordem estabelecida, tanto religiosa como civil. Muito pelo contrário, a metodologia de ensino, sobretudo, a repetição, a obediência ao seguimento das normas, enquanto instrumento para apreender os dogmas religiosos, encontrava eco fora dos espaços educativos, pois esse era um momento, mesmo que incipiente, de transição das formas de produção, o artesanato passava a ceder lugar à manufatura. A produção em série, posterior, exigiria repetição exarcebada e obediência cega.

Lutero, ao propor dar a cada um, como meio de salvação de sua alma, a compreensão da Bíblia, a aprendizagem do ler se fez necessária, de um lado como instrumento de libertação e por outro, prevalecendo como um meio de inculcação. Em seus textos são comuns as afirmações:

[...] Aqui de novo, é preciso martelar, entendido porém que a ninguém devemos coagir pela fé ou ao sacramento [...] Cumpre, isto sim, que preguemos de tal maneira que eles mesmo sem lei nossa, se impulsionem e como que obriguem a nós pastores a que administremos os sacramentos (**Catecismos Maior**, p.365).

Podemos observar tanto nos textos que compõem o **Catecismo Maior** e o **Catecismo Menor** que a insistência do pregador, o martelar, devia ser de tal forma contundente que o ensino e os sacramentos passassem a ser percebidos como hábito que conduzissem inconscientemente, ao fim indicado. Não como resultado da pregação, da inculcação, mas como uma necessidade de cada um, como se uma segunda natureza fosse introjetada, se tornasse lei pessoal e que se cumprisse cada um por si mesmo, “sem lei nossa”, mas sob o efeito da lei da coerção, do medo, transmutado em necessidade de se ter fé.

Lutero concluiu os Catecismos deixando claro que as Sagradas Escrituras deviam ser tomadas como leis, portanto, cumpridas, pois quem as desobedecesse seria duramente punido. Como precursor de uma escola tradicional, trabalhava com os extremos, castigo/recompensa, para inculcar o Evangelho. Atentava para a necessidade de se adotar um método que juntassem as partes, uma a uma, apreendendo, juntando o princípio e o fim, repetindo sempre para jamais ser esquecido. Que todo o saber religioso pudesse ser extensivo à comunidade e decorrente do saber ler e escrever.

Lutero propôs uma escola que ensinasse ler e escrever, enquanto uma necessidade para que as pessoas se tornassem religiosas, pacíficas e ordeiras, mas também, bons cidadãos. Dessa forma, torna-se possível associá-lo ao nascimento da escola moderna. Podemos afirmar que ao propor uma metodologia para educar as pessoas, por meio dos catecismos e de seus demais escritos, além de gestar uma educação universal, abriu espaços para que Comenius sistematizasse pedagogicamente uma escola para todos por meio da **Didática Magna**.

Tanto Lutero quanto Comenius, aqui pensados como pedagogos, tiveram como base de seus trabalhos o vínculo entre educação e a problemática geral do homem e, com a valorização do engajamento religioso, desenvolveram propostas metodológicas para a inculcação de ensinamentos que serviriam para toda a vida e aberta a todos, com o empenho de que se efetivasse uma educação voltada para a paz e a concórdia entre os povos.

## CONCLUSÃO

*Jamais a força destituída da razão ou da sabedoria teve sucesso (LUTERO).*

Dissertar sobre as contribuições do pensamento religioso de Martinho Lutero à educação de seu tempo, principalmente à modernidade e, até os dias de hoje, permitiu compreender que os movimentos da história não se produzem repentinamente, vão se fortalecendo (ou não) no decorrer dos tempos. Em seus momentos de transição mesmo que incipiente, dos valores medievais para a modernidade, a liberdade individual, premissa do humanismo, gestada na antigüidade ganhou espaço nas obras de Erasmo, Tomás Mores, Petrarca, entre tantos outros, e nos escritos de Lutero, quando afirmava que o homem pode apreender e criar valores morais para se integrar à vida humana, por meio da religião. Lutero teve, em alto grau, consciência da História e do seu papel na constituição da Reforma.

Ao propor que o homem fosse responsável por sua própria fé, impingiu à Sagrada Escritura a fonte de toda a crença, contraiu a obrigação de dar a cada um os meios de salvar-se pela leitura e compreensão da Bíblia. Por conseguinte, a Reforma, instituiu a necessidade da instrução a serviço da crença revelada, ao amparo da fé. Nesse contexto o processo educativo foi visto como uma via para as relações com Deus e sua revelação. A idéia de aplicar a própria razão à verdade divina, contida nos Evangelhos, trouxe como resultado, exigir de todos, a habilidade de ler e compreender a Bíblia, como exercício da razão pessoal e, isso, implicou na proposição de possibilitar uma educação geral para todos, sem distinção de idade, classe social, raça, sexo.

Para implantar sua ideologia religiosa como bem social e espiritual à sociedade, por meio do material escrito que produzia, Lutero, precisava propor meios às autoridades constituídas para que criassem escolas, pois, o não saber ler era um entrave à efetivação do seu ideal pela imprensa. Portanto, ao pensar uma educação para o povo, por meio do acesso à Bíblia, passa a

defender um instrumento necessário para sociedade da época. Pode-se afirmar, que essa foi uma das maiores influências religiosas à modernidade porque ao se envolver por sentimentos de emancipação do espírito humano interferiu no desenvolvimento do espírito moderno (MANACORDA, 1989).

O fato de propor a universalização do saber religioso fez com que deixasse de existir um estado sacerdote separado daquele dos fiéis comuns. Sua intensa pregação, em defesa de uma educação para todos, ancorada em argumentos baseados nas Sagradas Escrituras, eivados com a persuasão de suas idéias de inculcação, fez com que a instrução saísse do âmbito fechado dos conventos e das poucas escolas de elite para transformar-se em patrimônio popular. Isso tudo fez com que Lutero representasse o principal ponto de referência no período da Reforma, o que contribuiu para que passasse a influir nos princípios da cultura moderna.

Lutero não desvencilhou, em momento algum, a religião da educação porque acreditava que ambas (religião e educação) pudessem ser o principal instrumento formativo da sociedade. Assim, pregava sobre a necessidade de se investir em escolas, sobretudo para os pobres, principalmente, àqueles que demonstrassem talento intelectual e interesse pelo estudo. Com essa forma de pensar a formação das pessoas comuns, estabeleceu uma relação entre ensino e educação e a valorização do conhecimento recebido na instituição escolar.

Ao transferir o controle das escolas às autoridades civis, um dos mais importantes passos em direção à sociedade moderna lançou as bases de controle nacional da educação por toda a Alemanha e parte da Europa, atrelada a essa idéia estava a obrigatoriedade da frequência escolar. Aliás, Lutero foi o primeiro a defender a educação obrigatória, e o fez de modo enérgico, mas comovente na carta **Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs** (1524), para que o poder público se encarregasse da educação.

O pensamento da obrigatoriedade do ensino, uma idéia moderna, complementa-se com **Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola** (1530). Segundo Lutero era tão premente a formação das novas gerações que o poder público devia estar legalmente autorizado para obrigar os súditos a enviarem seus filhos às instituições educativas, da mesma forma que cada

súdito tinha o dever de prestar o serviço militar, para a defesa e a prosperidade do Estado. Essa concepção se explica em um fundamental apelo à vontade universal da instrução, a fim de que todo homem pudesse cumprir seus deveres sociais. Nesse momento a instrução passou a ser uma obrigação para os fiéis e um dever para os administradores das cidades.

Pode-se afirmar que o movimento da reforma religiosa e cultural, iniciada por Lutero na Alemanha, no século XVI resultou em importantes conseqüências na história da cultura e assumiu desde seu início um significado educativo. A Reforma impôs como seu fundamento um contato estreito e pessoal entre as pessoas e as Escrituras, e por conseguinte, era essencial para todos os cristãos a posse dos instrumentos elementares da cultura, em particular a capacidade e a habilidade de leitura e de maneira mais geral a necessidade de difundir essa posse no meio popular, por intermédio de instituições escolares públicas e mantidas a expensa dos municípios.

Por fim, é importante ressaltar que é justamente no âmbito da educação que se pode localizar a influência social de Lutero mais marcante e duradoura, ressaltando que o momento histórico de Lutero em relação à atualidade são profundamente diferentes e, certamente, os sujeitos emergentes desses processos sociais não são os mesmos. “Nesse período foram abolidas as relações feudais; os princípios da liberdade, da propriedade e da pessoa tornaram-se princípios fundamentais” (HEGEL, 1999, p.372). Ainda assim, é possível considerar Lutero um homem não só de seu tempo e da modernidade, mas alguém que influenciou as relações estabelecidas para a sociedade de hoje. Pois, apesar de experimentar uma vida monástica, não foi um exilado, mas chamou à nova burguesia emergente a assumir a responsabilidade da educação, dado este que o colocou como reformador religioso e social.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, A. **História de la Pedagogia**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2001.

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Paulo: Ática, 1994.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARNAUT DE TOLEDO, César de Alencar. A Questão da Educação na Obra de Martinho Lutero. **Ata Scientiarum**, Maringá, v.21, n.1, p.129-135, 1999.

BECK, Nestor Luiz João. **Educação na Perspectiva do Reino de Deus**. São Leopoldo: Concórdia, 1996.

BORISENKOV, Vladimir P. Renaissance and Reformation. In: GOLZ, Reinhard; MAYRHOFER, Wolfgang (Ed.). **Luther and Melanchton in the Education Thought in Central and Eastern Europe**. Münster: Lit Verlag, 1998. p.48-51.

BURNS, Edward Mcnall. **História da Civilização Ocidental**. Poro Alegre: Ed. Globo, 1979.

BUSS, Paulo W. **Suplemento Teológico: Lutero, pedagogo ou teólogo?** São Paulo: Vox Concordiana, 1990.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CANTOS, Jorge. **Um Homem para Todas as Estações ou a Proposta Educacional de Erasmo**. Maringá, 1997. 222 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá.

COMÊNIO, João Amós. **Didáctica Magna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja da Renascença e da Reforma**. São Paulo: Quadrante, 1996.

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e Afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989.

DREHER, Martin N. **A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma**. Sinodal: São Leopoldo, 2002.

DUNSTAN, J. Leslei. **O Protestantismo**. São Paulo: Moderna, 1964.

DÜRKHEIM É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EBELING, Gerhard. **O Pensamento Educacional de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

EBY, Frederick. **História da Educação Moderna**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1976.

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um Destino**. Porto: Asa, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FORGIONE, Jose D. **Antologia Pedagógica Universal**. Buenos Aires: Editorial EL Ateneo, 1950.

GAL, Roger. **História de la Educacion**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

GARCÍA-VILLOSLADA, Ricardo. **Martín Lutero: en lucha contra Roma**. Madrid: La Editorial Católica, 1976.

GENTILI, Pablo. **A Falsificação do Consenso**. Petrópolis: Vozes, 1998.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1999.

KIRST, Nelson. **Releitura da Teologia Luterana**. São Paulo: Ática, 1999.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1982.

LASKI, J. Harold. **O Liberalismo Europeu**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1973.

LIENHARD, Marc. **Martim Lutero: Tempo, Vida e Mensagem**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LUTERO, Martinho. **Da Autoridade Secular**. São Leopoldo: Sinodal, 1979.

\_\_\_\_\_. **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**. In: Obras Seleccionadas, p.277-340, v.2. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

LUTERO, Martinho. **Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs**. In: Obras Seleccionadas, p.302-325, v.5. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

\_\_\_\_\_. **Catecismos Maior e Menor**. In: Obras Seleccionadas, p.325-470, v.7. São Leopoldo: Sinodal., 2000.

\_\_\_\_\_. **Da Liberdade Cristã**. In: Obras seleccionadas, p.435-460, v.2. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

LUTERO, Martinho. **De Servo Arbítrio**. In: Obras Seleccionadas, p.11-216, v.4. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

\_\_\_\_\_. **Debate para Esclarecimento do Valor das Indulgências**. In: Obras Seleccionadas, p.21-30, v.1. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

\_\_\_\_\_. **Debate sobre a Teologia Escolástica**. In: Obras Seleccionadas, p.13-20, v.1. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

\_\_\_\_\_. **Do Cativoiro Babilônico da Igreja**. In: Obras Seleccionadas, p.341-424, v.2. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

\_\_\_\_\_. **Guerra Contra os Turcos**. In: Obras Seleccionadas, p.403-445, v.6. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

\_\_\_\_\_. **Guerra dos Camponeses**. In: Obras Seleccionadas, p.271-401, v.6. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

\_\_\_\_\_. **Instrução dos Visitadores aos Párocos**. In: Obras Seleccionadas, p.259-312, v.7. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

\_\_\_\_\_. **Missa Alemã e Ordem do Culto**. In: Obras Seleccionadas, p.173-206, v.7. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sermão sobre o Poder da Excomunhão**. In: Obras Seleccionadas, p.191-198, v.1. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

\_\_\_\_\_. **Teses Debatidas em Leipzig**. In: Obras Seleccionadas, p.333-384, v.1, São Leopoldo: Sinodal, 1987.

\_\_\_\_\_. **Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola**. In: Obras Seleccionadas, p.326-364, v.5. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Ed. Nacional, 2001.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1989.

MELANCHTHON, Felipe. **Lutero visto por um amigo**. Trad. Walter Hesse. Porto Alegre: Concórdia, 1983.

PIERRARD, Pierre. **A História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1982.

SCHLESINGER, Hugo. **Dicionário de Religião**. São Paulo: Vozes, 1995.

VIDONI, Ferdinando. Introtuzione. In: LUTERO, Martin. **Scritti Sull Educazione**. Treviso: Libreria Editrice Canova, 1972. p.05-38.

VIEIRA, Paulo Henrique. A Filosofia Política de Martinho Lutero. **Revista de Estudos Teológicos**, São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, ano 42, n.1, p.58-77, 2002.

WARTH, C. Martim. **Estudos em Torno de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

WEBER, MAX. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1987.

WITTE, John Jr. **Law and Protestantism: the legal Teachings of the Lutheran Reformation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.